

# A CONTRIBUIÇÃO DE PEDRO AUGUSTO METZ RIBEIRO PARA A ARQUEOLOGIA DOS PORTADORES DA TRADIÇÃO ARQUEOLÓGICA TAQUARA NO RIO GRANDE DO SUL<sup>1</sup>

Sergio Celio Klamt<sup>2</sup>

## PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia, Tradição Taquara, Rio Grande do Sul

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte integrante das atividades do estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.

O tema central do estágio é a Tradição Taquara no Rio Grande do Sul com interpretações a partir das mais recentes escavações (2010-1026) em sítios de céu aberto realizadas por nossa equipe nos municípios de Monte Alegre dos Campos, Bom Jesus, Jaquirana e São Francisco de Assis.

A realização de uma síntese das pesquisas de Pedro Augusto Metz Ribeiro, sobre a Tradição Arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul, justifica-se pelo que o estudo representa Rio Grande do Sul. Alertaram para um novo padrão de assentamento no qual estão mais evidentes os monumentos funerários com cremações e ainda, que essas pesquisas deram origem a uma série de outros trabalhos e inclusive o ponto de partida do presente está pós-doutoral.

---

<sup>1</sup>Publicação integrante das atividades do estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.

<sup>2</sup>Professor adjunto da Universidade de Santa Cruz do Sul. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

## 1. SÍNTESE DA TRAJETÓRIA DO PROFESSOR PEDRO AUGUSTO MENTZ RIBEIRO

Pedro Augusto Mentz Ribeiro foi um profissional que se destacou na sua área de atuação: em pesquisas, na criação de centros de ensino e pesquisa, na formação de profissionais da arqueologia, na valorização e na divulgação do conhecimento arqueológico.

Cursou graduação em Ciências Sociais (1961); especialização em Arqueologia (1968) e especialização em Antropologia Cultural (1969), todos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS. Cursou, após, especialização em Antropologia das Sociedades Complexas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1974). Cursou mestrado em História e Cultura Brasileira (1981) e doutorado em História do Brasil (1991) ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUC-RS. Em 1993, cursou pós-doutorado pela Universidade do Porto/Portugal.

Sob orientação de Pedro Ignácio Schmitz, do Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Mentz Ribeiro desenvolve suas primeiras pesquisas arqueológicas, nos vales do Rio dos Sinos e do Caí. Entre 1969 e 1972, atuou no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul-MARSUL, em Taquara, ao lado de Eurico Theófilo Miller.

Em 1972 mudou-se para Santa Cruz do Sul tendo trabalhado como professor no Colégio Mauá e também como voluntário no Museu do mesmo colégio, o qual abrigava uma significativa quantidade de material arqueológico, especialmente do Vale do Rio Pardo.

Mentz Ribeiro desligou-se do Colégio Mauá, em 1974, quando passou a trabalhar na FISC (atual UNISC), onde funda, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas-CEPA.

A finalidade do Centro era oferecer cursos, possibilitando aos inscitos um estudo aprofundado da disciplina de Antropologia Cultural, bem como a Pesquisa Arqueológica no sentido “da reconstituição das formas de vida do passado” no Rio Grande do Sul e, de forma específica, na Região do Vale do Rio Pardo e em áreas

adjacentes. A equipe era constituída pelo coordenador Pedro Augusto Mentz Ribeiro, acadêmicos do curso e voluntários. No mesmo ano (1974) também cria e inicia a publicação do periódico denominado Revista do CEPA, o qual foi a primeira publicação científica da instituição. Passados 42 anos, a revista continua sendo editada, agora no formato eletrônico.

Após 20 anos de dedicação ao CEPA (1974-1994), Mentz Ribeiro passou a atuar na Fundação Universidade de Rio Grande-FURG (1994-2003), criando o LEPAN-Laboratório de Ensino e Pesquisas em Arqueologia e Antropologia, integrando o Instituto de Ciências Humanas e da Informação da instituição, num período em que a arqueologia empresarial dava seus primeiros sinais.

Tendo sido um dos fundadores da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB, ocupou o cargo de presidente na gestão 1997-1999.

Em 2004, aposenta-se das atividades junto à FURG, retornando a Santa Cruz do Sul, aonde veio a falecer pouco tempo depois (2006).

## 2. AS PESQUISAS DE MENTZ RIBEIRO RELACIONADAS À TRADIÇÃO ARQUEOLÓGICA TAQUARA NO RIO GRANDE DO SUL

### 2.1. SITIO RS-C-14: BOM JARDIM VELHO (ABRIGO SOB ROCHA)

No ano de 1970, Pedro Augusto Mentz Ribeiro como Pesquisador do MARSUL e Bolsista do CNPq estava escavando o abrigo Virador I, oportunidade em que um dos muitos visitantes às escavações informou a existência de um abrigo na localidade de Bom Jardim Velho, distante aproximadamente 6 km do abrigo Virador I.

A partir dessa informação, entre setembro de 1970 e março de 1971, Mentz Ribeiro passou a escavar parcialmente o abrigo localizado a aproximadamente 12 km da sede do município de São Sebastião do Caí, RS (Figura 1).

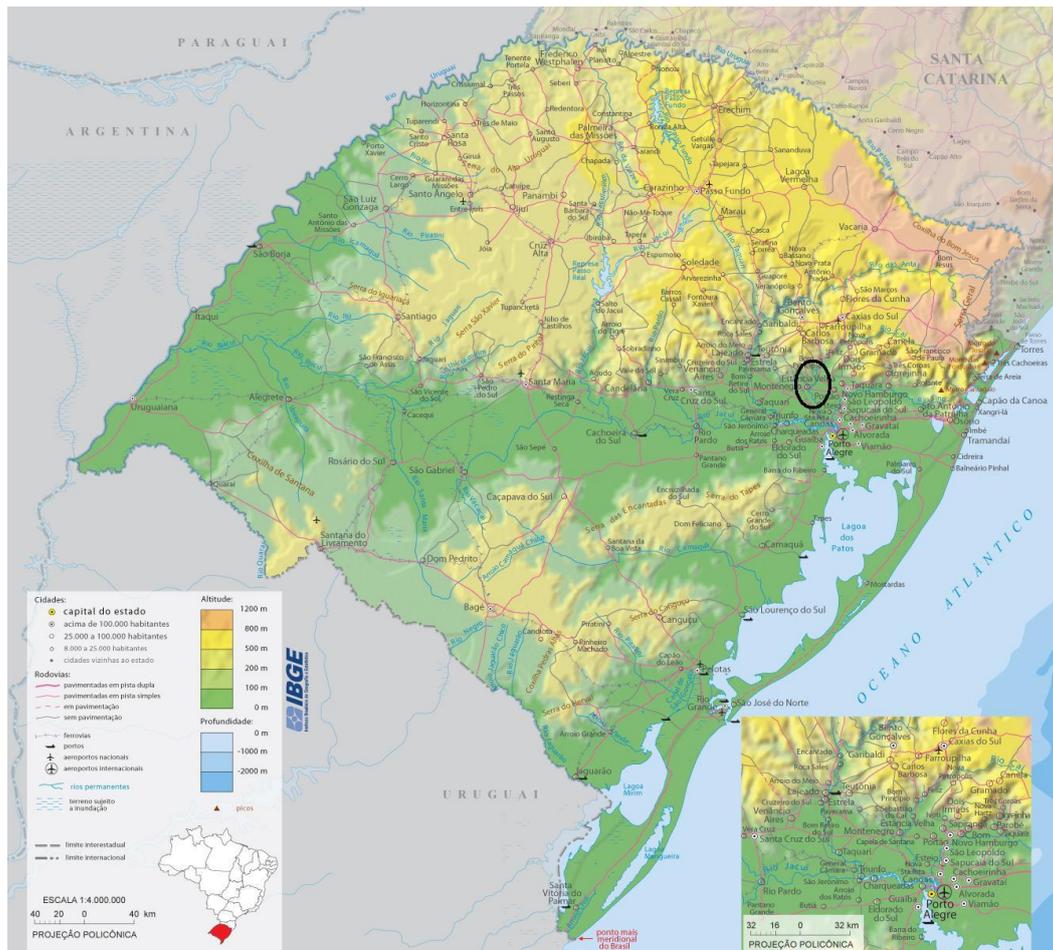


Figura 1. Mapa do relevo do Rio Grande do Sul assinalando em círculo na cor preta a área pesquisada por Mentz Ribeiro para estabelecer a Fase Caí da Tradição Taquara.

Os estudos serviram para estabelecer uma nova fase da Tradição Arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul, denominada de Fase Caí.

A publicação dos resultados ocorreu em abril do ano de 1972 na revista IHERINGIA, Antropologia, n°2, p.15-58, Porto Alegre, 1972.

O sítio situa-se na região fisiográfica denominada de Encosta Inferior do Nordeste, numa altitude em relação ao nível do mar não superior a 100m. Hidrograficamente pertence ao baixo vale do rio Caí.

Com um frio não muito intenso e geadas nos meses de junho, julho e agosto, a temperatura média anual fica entre 15°C e 22°C, com uma precipitação pluviométrica média anual de 1.190 mm.

Geologicamente a região pertence à Formação Serra Geral, composta de um extenso derramamento de lava (basalto) sobre a Formação Botucatu (arenito) o que deixa o solo bastante arenoso.

A vegetação é de floresta latifoliada tropical, registrando-se, no entanto, campos a poucos quilômetros ao sul.

A pesquisa do Abrigo Bom Jardim Velho, aliada com outros dois sítios em abrigos – RS-C:15-Toca da Onça e RS-S:362-Vila Diehl, resultou no estabelecimento da Fase Caí da Tradição Taquara no Rio Grande do Sul (Figura 2).

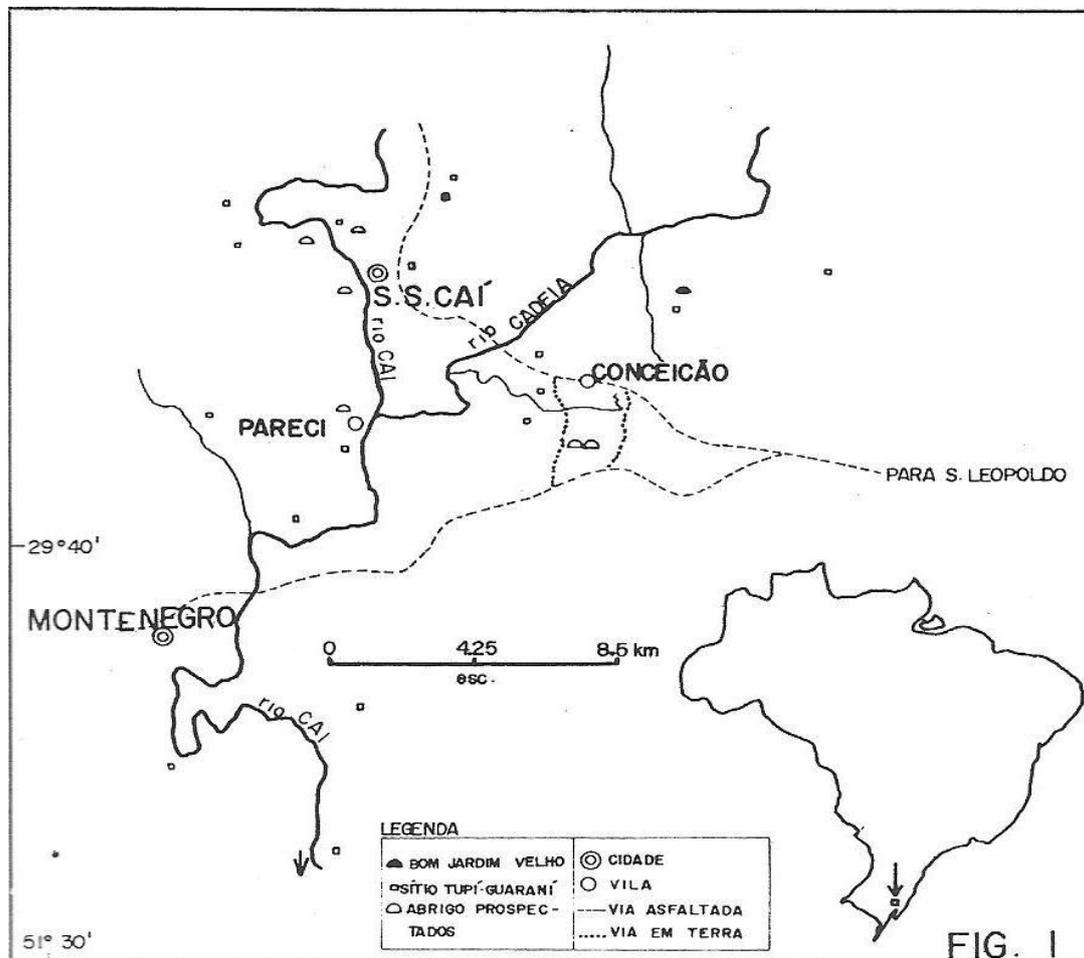


Figura 2. Mapa de localização dos sítios arqueológicos da Fase Caí. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista IHERINGIA, Antropologia, nº2, p.39, Porto Alegre, 1972.

Com frente voltada para nordeste, o abrigo apresenta 35,5 m de comprimento, 6,5 m de largura e 8,5 m de altura máxima. A cerâmica (86,6%) está concentrada em uma área de 6 m<sup>2</sup> e estima-se ser de, pelo menos, três vasilhas. A camada de ocupação foi determinada com uma espessura de 10 cm a partir da superfície e denominada de camada II, uma vez que, a partir dos 10 cm, a ocupação é de grupo caçador-coletor.

A análise da cerâmica, presente no sítio apresenta dois tipos de tempero arenoso. Quanto à decoração plástica, predomina a cerâmica simples com paredes mal alisadas.

Além da cerâmica ocorrem adornos de conchas e dentes de animais, pontas de osso, fragmentos de implementos de pedra polida, implementos lascados, talhadores, polidores, matéria corante, restos de alimentos (ossos de animais, conchas, cascas de ovo de ema ou nhandu e coquinhos).

Mentz Ribeiro conclui:

Pelo contexto das camadas culturais, vemos que dois grupos distintos habitaram o abrigo RS-C:14-Bom Jardim Velho. Os primeiros ocupantes foram caçadores, pescadores e coletores superiores, e os segundos, além das atividades do grupo que os precedeu no sítio, eram portadores de cerâmica, o que vem a indicar uma agricultura, ainda que incipiente (MENTZ RIBEIRO, 1972, p.35).

Além disso, destacamos não somente a existência de moluscos marinhos no abrigo (*Anomalocardia brasiliiana* e *Olivella sp.*), distante aproximadamente 130km do mar, mas também de um espécime (*Littorina sp.*) que seria encontrado somente em Torres, o que aumenta a distância para 157km (MENTZ RIBEIRO, 1972, p.35).

O surgimento de uma cerâmica, da qual vamos encontrar semelhanças em Santa Catarina e no Paraná, parece indicar uma rota de migração do grupo. Possivelmente a rota teria sido do norte para o sul, pois a datação de 800 +/-50 anos AP para o abrigo Casa de Pedra no Paraná, julgamos ser mais antiga que a nossa (a datação C-14 confirmará ou não nossa hipótese) pelos seguintes motivos: a) a posição da cerâmica ocupando nos 3 abrigos as últimas camadas; b) a cerâmica Taquara apresenta percentagens maiores do tipo simples, à medida que se tornam mais recentes; c) os dados etnográficos anteriormente citados (SCHADEN, 19673 e HENSEL, 1928) de que os Xogleng habitavam a área de colonização alemã do Rio Grande do Sul. Com mais sítios dessa fase ou com maior número de fragmentos de cerâmica, vários problemas surgidos poderão ser resolvidos (MENTZ RIBEIRO, 1972, p.36).

## 2.2. SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA TRADIÇÃO TAQUARA, FASE ERVEIRAS, VALE DO RIO PARDO, RS, BRASIL.

Durante os anos de 1977 e 1978, Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Ítela da Silveira desenvolveram pesquisas arqueológicas no Vale do Rio Pardo, nos municípios de Herveiras, Sinimbu, Vale do Sol, Candelária, Vera Cruz e Santa Cruz do Sul, do Rio Grande do Sul, Brasil. Na época da pesquisa, Herveiras, Vale do Sol e Sinimbu ainda pertenciam ao município de Santa Cruz do Sul, emancipando-se alguns anos depois (Figura 3).

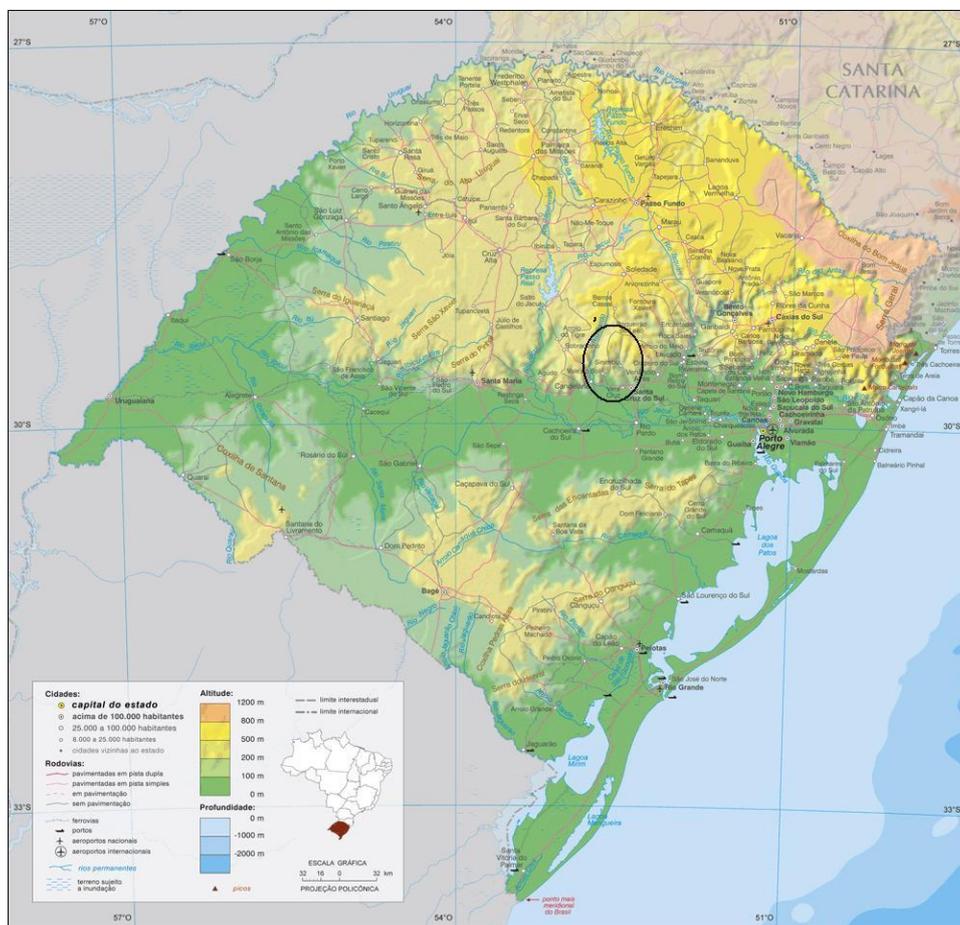


Figura 3. Mapa do relevo do Rio Grande do Sul assinalando em círculo na cor preta a área pesquisada por Mentz Ribeiro para estabelecer a Fase Herveiras da Tradição Taquara.

Os estudos serviram para estabelecer uma nova fase da Tradição Arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul, denominada de Fase Herveiras.

A publicação dos resultados ocorreu em junho do ano de 1979, na Revista do CEPA nº8, periódico de publicação semestral em arqueologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, mantida pela Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul.

Climatologicamente é uma região de transição entre a encosta do planalto e o planalto propriamente dito, com um frio não muito intenso e poucas nevasdas. A temperatura média anual fica entre 18°C e 19°C com uma precipitação pluviométrica anual entre 1.600 mm e 1.800 mm.

Com solo do tipo basalto em decomposição, a vegetação apresenta características da encosta do planalto e do planalto com floresta latifoliada tropical com pinheiros e erva-mate.

As pesquisas resultaram na localização de um total de 30 sítios arqueológicos, todos associados à Tradição Arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul. Desse total, tem-se 27 sítios a céu aberto, 3 casas subterrâneas e 1 montículo (Figura 4).

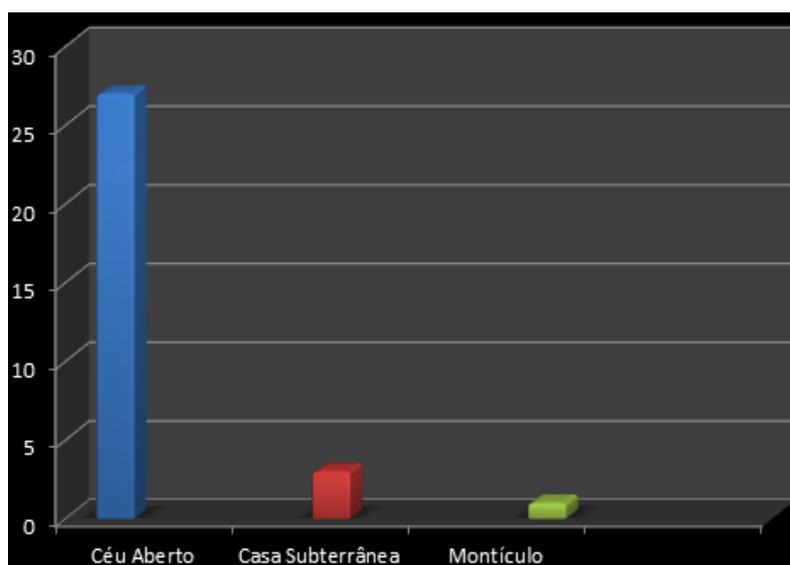


Figura 4. Gráfico ilustrativo do tipo de sítios que constituem a Fase Herveiras.

Os sítios da Fase Herveiras, em sua maioria, encontram-se no planalto entre 520 m e 620 m de altitude em relação ao nível do mar. São 26 sítios entre essas cotas, o que representa 86% do total.

Os restantes quatro sítios, que representam 14% do total, por condições de clima e vegetação, estão localizados na encosta do planalto em altitudes inferiores a 450 m em relação ao nível do mar. Situam-se em cotas de 50, 100, 360 e 450 m respectivamente.

Em geral os sítios estão mais afastados das águas volumosas, mas junto de vertentes ou sangas e lagoas. Predomina a orientação Leste em encostas com inclinação de 15° a 35° (Figura 5).

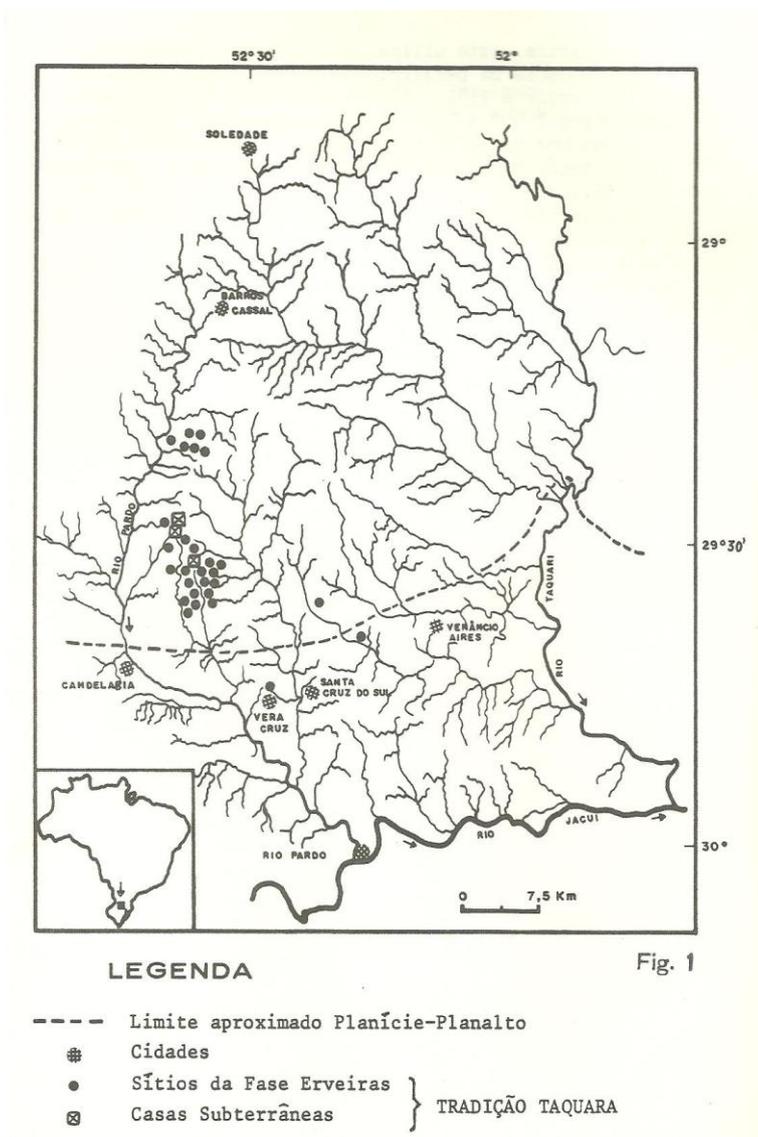


Fig. 1

Figura 5. Mapa de localização dos sítios arqueológicos da Fase Herveiras. Fonte: Ribeiro e Silveira. Revista do CEPA, nº8, p.8, 1979.

A área que os sítios a céu aberto ocupam é em média de 300 m<sup>2</sup>, o que foi considerado, pequeno, pelos autores. Existem, no entanto, sítios desde 50 m<sup>2</sup> até 2.400 m<sup>2</sup>.

O tamanho das manchas pretas oscila entre 3 m e 10 m de diâmetro, com média em torno de 5 m. A quantidade por sítio é de uma a cinco manchas.

De acordo com as sondagens feitas, a camada de ocupação não ultrapassa os 18 cm de profundidade.

As medidas de duas das casas subterrâneas (comprimento maior x comprimento menor x profundidade) são: 4,8 m x 4,6 m x 1,6 m e 7,8 m x 5,5 m x 1,6 m.

O montículo apresenta as seguintes medidas (comprimento x largura x altura): 6,0 m x 3,4 m x 0,47 m.

Tomando como base a presença de material arqueológico, 11(36%) são sítios-acampamento e os restantes 19 (64%) são sítios-habitação (Figura 6).

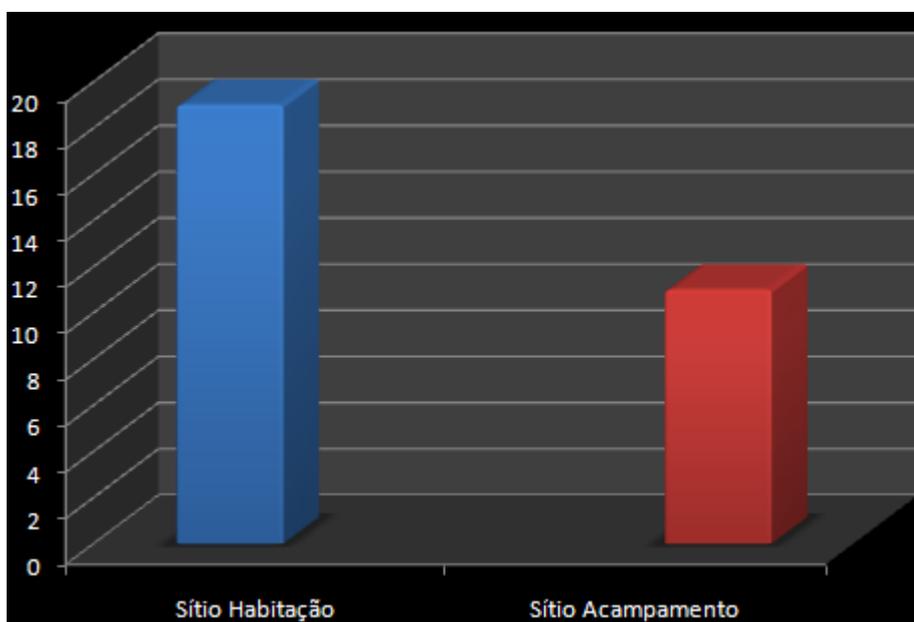


Figura 6. Relação entre sítio habitação e sítio acampamento na Fase Herveiras da Tradição Taquara.

A análise da cerâmica presente nos sítios apresenta três tipos de tempero: areia fina (farinhento), representando 67%; areia média (arenoso), representando 29% e argilo-arenoso representando 4% (Figura 7). Quanto à decoração plástica, a base e uma faixa junto ao lábio não possuem decoração.

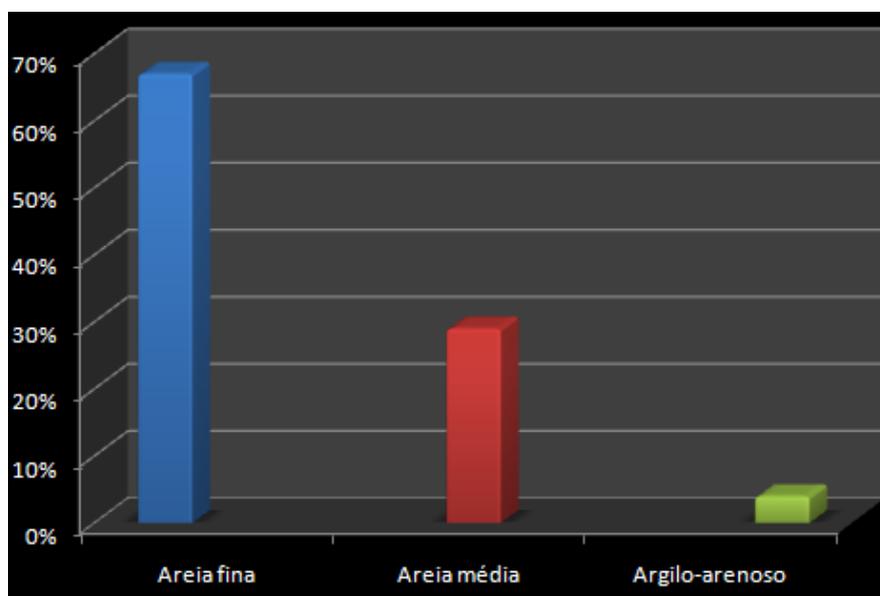


Figura 7. Gráfico percentual de tempero presente na cerâmica da Fase Herveiras.

A análise do lítico, presente nos sítios, indica uma presença diminuta do polido em comparação com o lascado. Está representado por seixos rolados e blocos de basalto, pedra utilizada como polidor, percutor, batedor, alisador, mão-de-pilão, lâminas polidas e lascadas, talhadores, raspadores, núcleos e lascas.

Mentz Ribeiro conclui que os sítios representam uma nova fase da tradição Taquara no Rio Grande do Sul, denominada de fase Herveiras, caracterizada pela variedade de tipos cerâmicos decorados e, no lítico, pela a presença diminuta do polido em comparação com o lascado.

Teria havido uma evolução desde um grupo pré-cerâmico - fase Pinhal da tradição Humaitá para um grupo ceramista - fase Herveiras da tradição Taquara (Figura 8).

A construção de casas subterrâneas indica certa sedentariedade e adaptação ao ambiente.

ORGANOGRAMA DAS FASES ARQUEOLÓGICAS DO VALE DO RIO PARDO

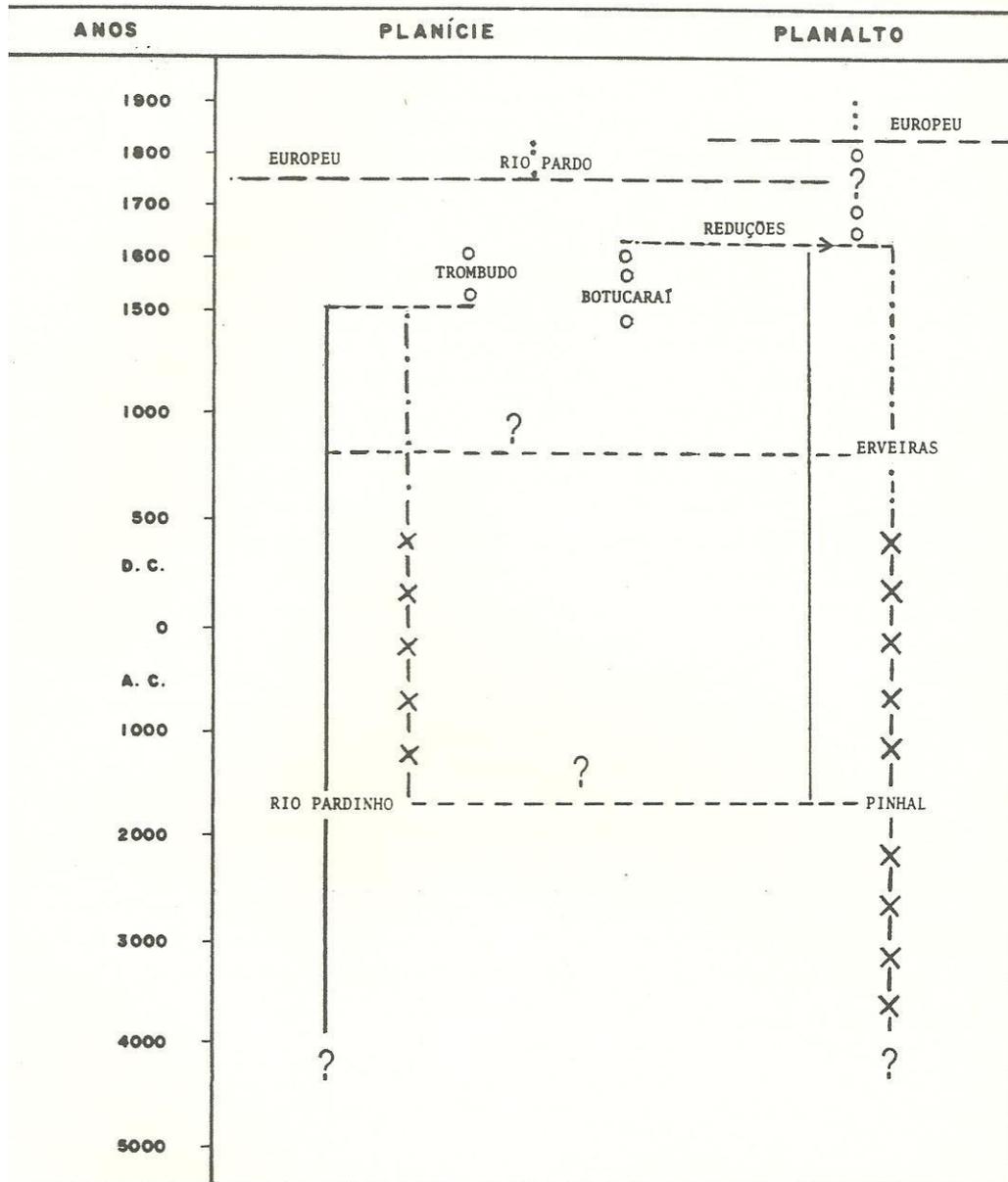


Fig. 16

- TRADIÇÃO UMBU (Caçadores Especializados)  
 X-X- TRADIÇÃO HUMAITÁ (Coletores - Caçadores)  
 LEGENDA - - - - TRADIÇÃO TAQUARA } (Horticultores)  
 o o o TRADIÇÃO TUPIGUARANI }  
 ..... TRADIÇÃO NEOBRASILEIRA

Figura 8. Cronograma das fases arqueológicas do Vale do Rio Pardo. Fonte: Ribeiro e Silveira. Revista do CEPA, nº8, p.50, 1979.



Os dois sítios estão localizados na localidade de Linha Fernandes, na época 5° Distrito de Santa Cruz do Sul, hoje município de Herveiras. O local pertence à bacia do Rio Pardo, afluente do rio Jacuí. Localizados na Serra Geral, subdivisão do Planalto Meridional, o terreno nas proximidades é ondulado, mas a região apresenta-se bastante acidentada (Figura 10 e 11). A altitude em relação ao nível do mar onde estão os sítios é de 600m.

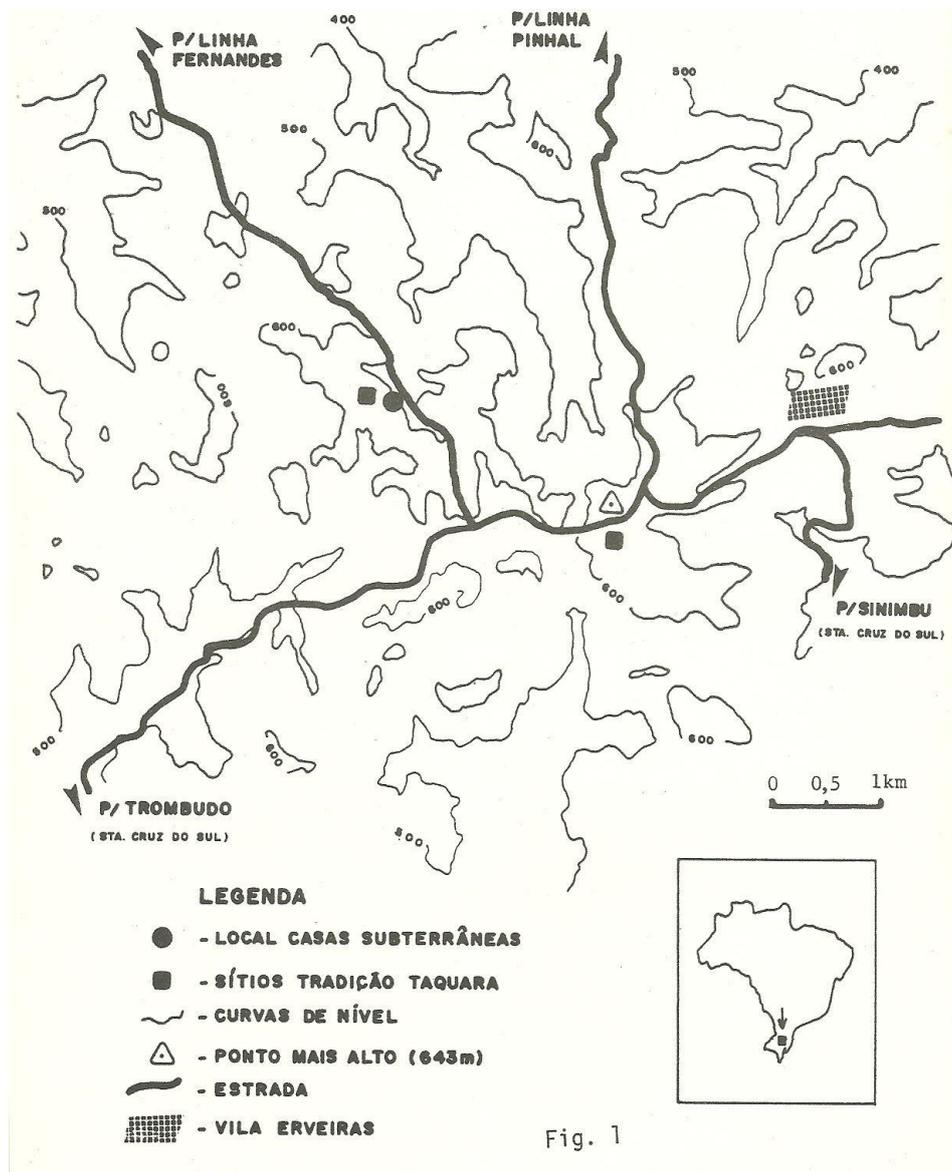


Fig. 1

Figura 10. Mapa de localização das casas subterrâneas escavadas. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista do CEPA, n°9, p.34, 1980.

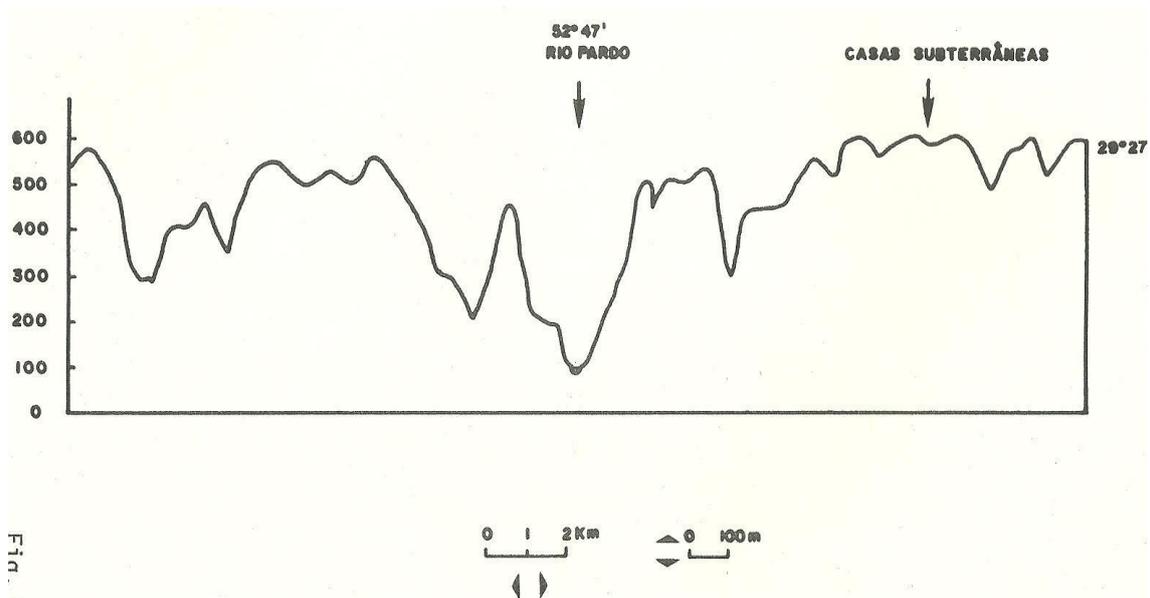


Figura 11. Ilustração em esquema do relevo na região das casas subterrâneas. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista do CEPA, nº9, p.35, 1980.

Climatologicamente é uma região dentro do clima subtropical ou virginiano, periferia do bordo erodido do planalto basáltico, com um frio não muito intenso e poucas nevasdas. A temperatura média anual fica entre 18°C e 19°C com uma precipitação pluviométrica anual entre 1.600 mm e 1.800 mm.

Com solo do tipo basalto em decomposição, a vegetação apresenta características da encosta do planalto e do planalto com floresta latifoliada tropical com pinheiros (*Araucaria angustifolia*) e erva-mate (*Ilex paraguariensis*). A fauna e a flora eram abundantes e variadas.

### 2.3.1. Descrição Estrutural e Localização dos Sítios

As duas casas subterrâneas escavadas foram denominadas de “casa A” e “casa B” e estão situadas em encosta nordeste distantes em apenas 1,0 m uma da outra (Figura 12). A localidade de Linha Fernandes, onde estão as mesmas, dista aproximadamente 6,0 km da atual sede do município de Herveiras (Figura 10), que na época era distrito de Santa Cruz do Sul.

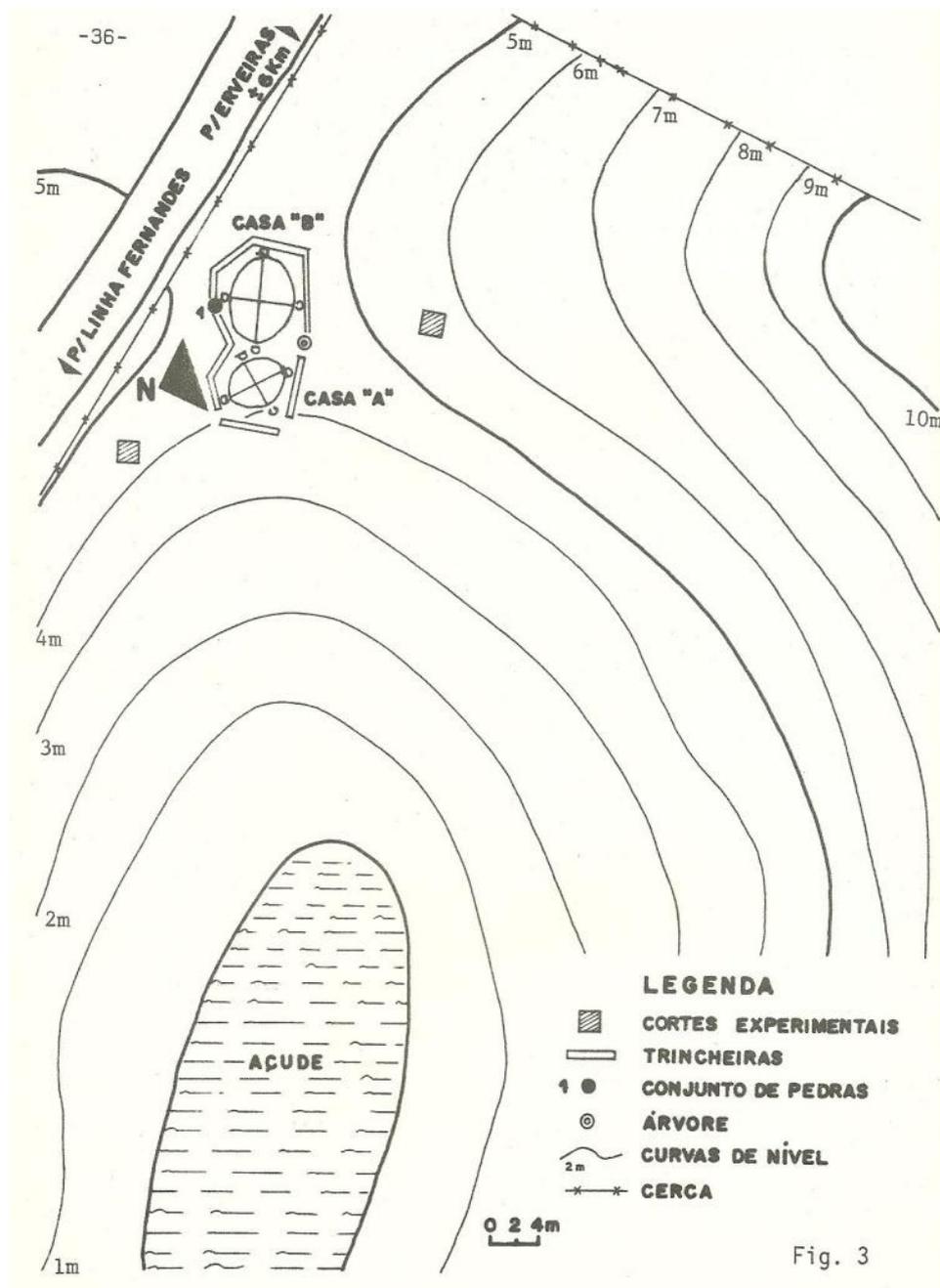


Figura 12. Croqui de localização das duas casas subterrâneas escavadas. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista do CEPA, nº9, p.36, 1980.

As casas (Casas A e B) não apresentam mancha preta ou cerâmica em superfície associada. A cerâmica é encontrada no interior das casas (Figuras 13 e 15). Aproximadamente 50 m ao leste das mesmas existe um banhado, formador de sangas e de arroios da região.

A casa “A” (Figuras 13 e 14) possui 4,15 m (diâmetro maior) por 2,35 m (profundidade máxima) e a casa “B” (Figuras 15 e 16) possui 6,50 m (diâmetro máximo) por 1,85 m (profundidade máxima).

A parede das casas é pouco inclinada, com partes dela praticamente retas na casa “A”. Em ambas existem banquetas laterais irregulares não circundantes em média com 0,50 m de altura por 0,40 m de largura (Figura 14 e 16).

Para acesso à casa “B” era utilizada uma rampa de forma trapezoidal medindo 1,10 m de comprimento por 0,50 m de largura e com inclinação de 35° (Figura 15).

Para a casa “B” foi obtida datação C-14 em 915 +- 145 anos A.P. (SI 4066).

Quanto ao telhado, foi identificado apenas um conjunto de pedras (a 2,0m da casa “B”) o que não permitiu aferir a provável forma do telhado, se circundante com pequena inclinação, em meia-água para uma ou para as duas casas juntas, com maior inclinação e os aterros laterais funcionando como suporte ou escora.

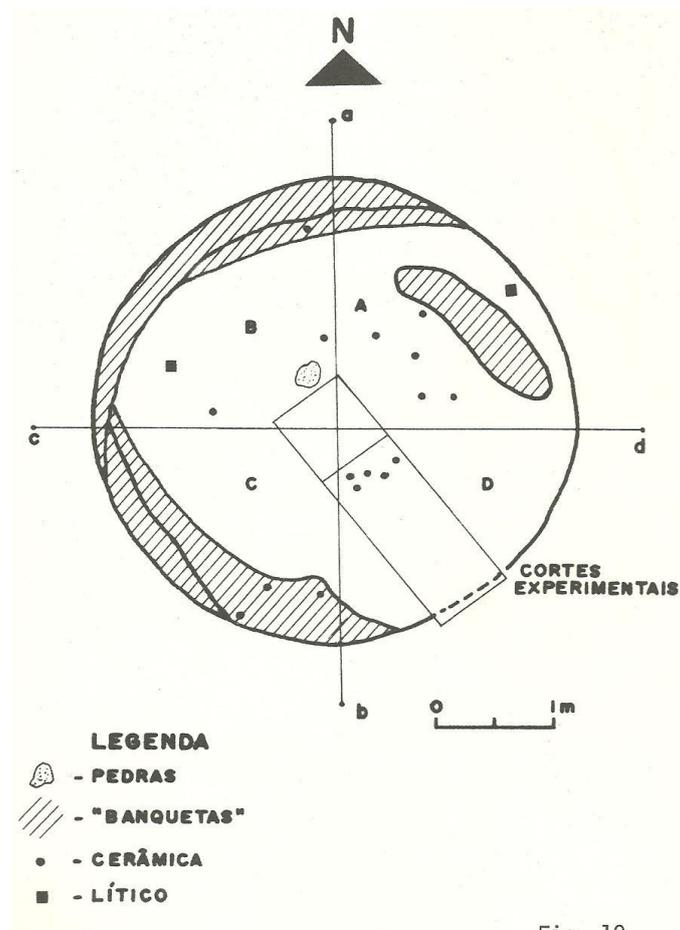


Figura 13. Croqui com plano de topo da casa subterrânea “A” escavada. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista do CEPA, nº9, p.43, 1980.

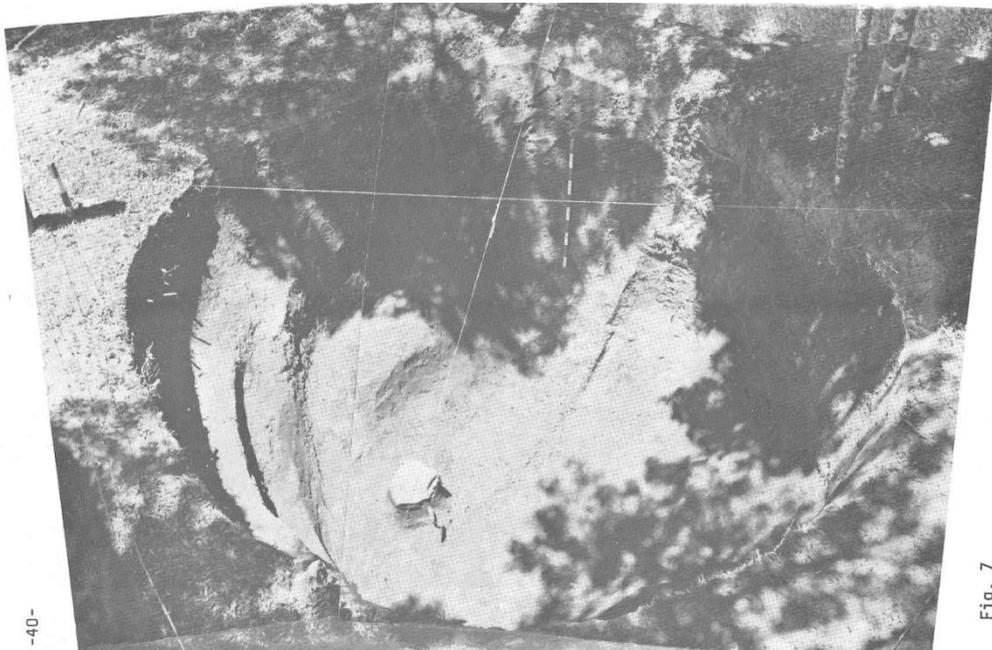


Figura 14. Fotografia da casa “A” após escavação. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista do CEPA, nº9, p.40, 1980.

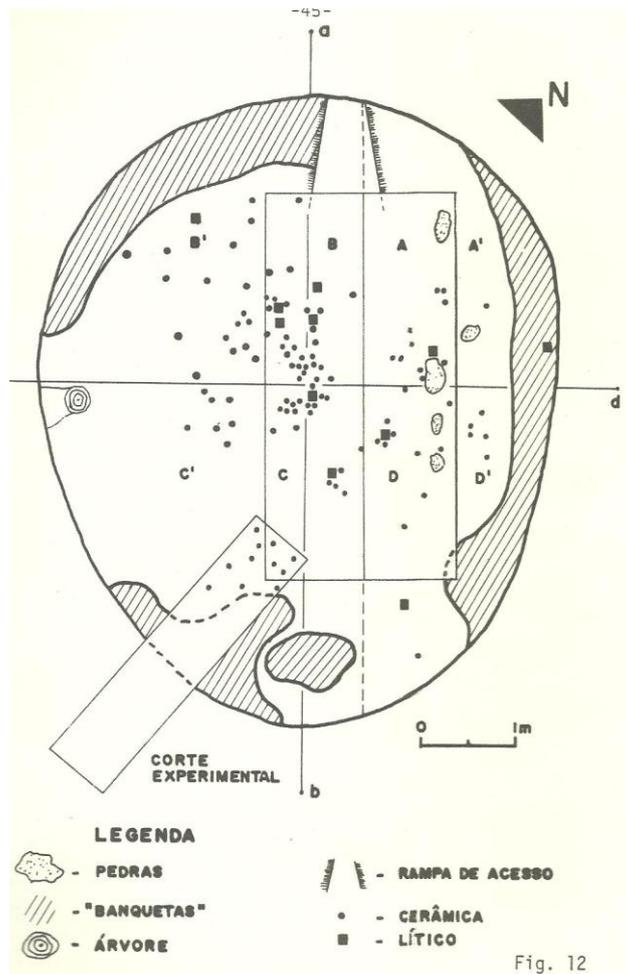


Figura 15. Croqui com plano de topo da casa subterrânea “B” escavada. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista do CEPA, nº9, p.45, 1980.

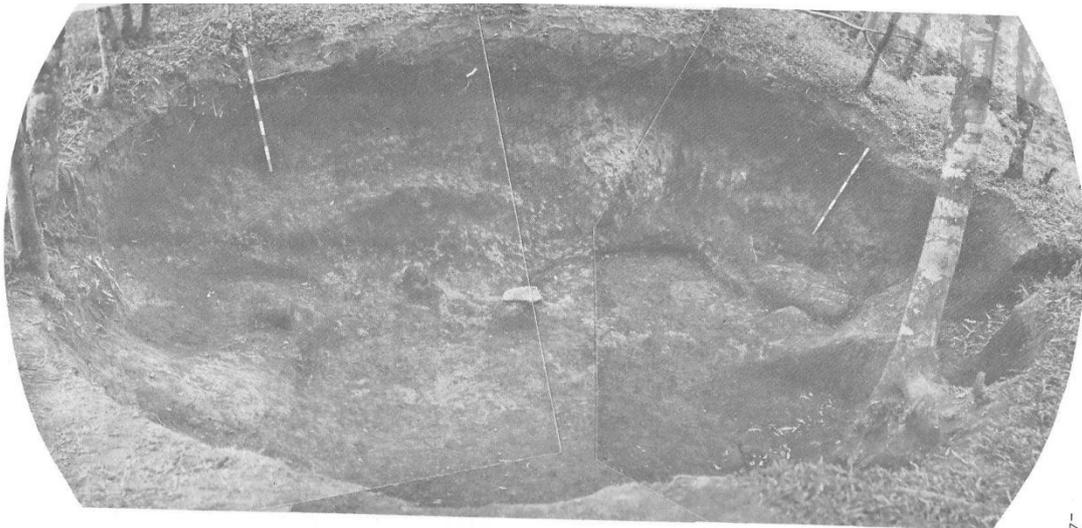


Figura 16. Fotografia da casa “B” após escavação. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista do CEPA, nº9, p.41, 1980.

A análise da cerâmica corresponderia a aproximadamente 3 vasos na casa “A” e 20 vasos na casa “B”, apresentando dois tipos de tempero: areia média representando 86% e argilo-arenoso representando 14% (Figura 17).

A decoração mais característica da fase Herveiras (areia-fina “Farinhento”) não está presente na cerâmica encontrada nas casas. Quanto à decoração plástica, a base e uma faixa junto ao lábio não possuem decoração.

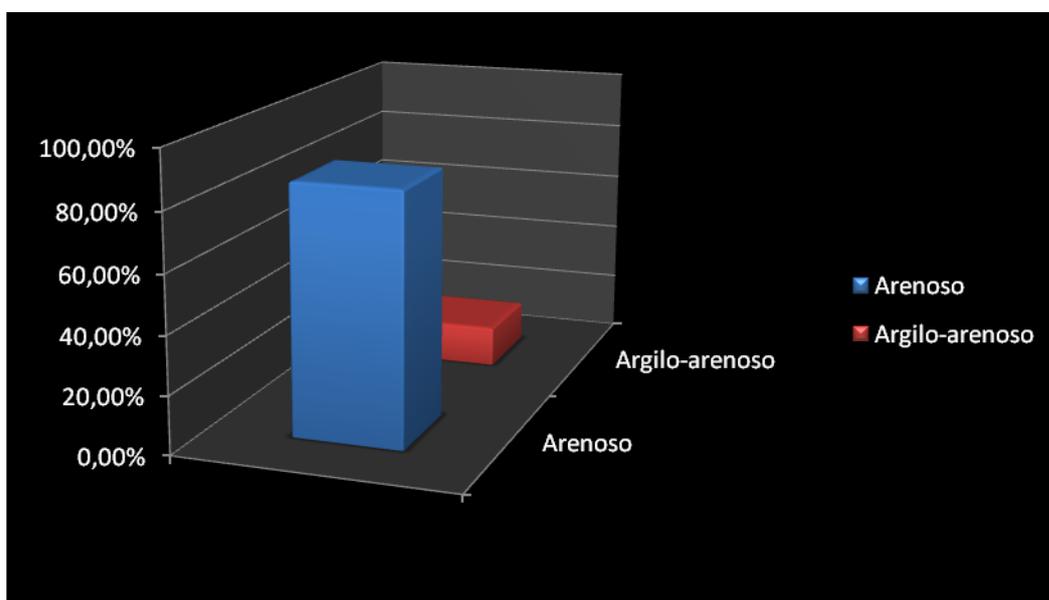


Figura 17. Gráfico percentual dos tipos de tempero identificados na cerâmica.

A presença do material lítico não é expressiva (13 peças) sendo constituído por lascas de calcedônia, polidores de arenito, núcleos e percutor.

#### Contexto e Conclusões

Em torno de 7,5 km ao sudeste, encontram-se outras duas casas subterrâneas com 5,0 m x 1,5 m e 3,0 x 0,5 m (diâmetro x profundidades). Voltadas para o norte, estão associadas a cinco manchas pretas com 6 m a 7 m de diâmetro e cerâmica em superfície.

Mais ou menos 1,0 km ao sul das casas, em encosta norte existem três montículos (túmulos) cobertos de pedras, tendo em média 3,0 m x 1,5 m x 0,50 m (comprimento x largura x altura).

Próximo aos montículos (uma) e a 7,0 km a sudeste (outra) ocorre a presença de galerias subterrâneas com as seguintes características: 20,0 m x 1,0 m (comprimento x diâmetro), alargando-se na parte terminal em forma de cúpula com 1,5 m a 2,0 m e um suspiro de 0,20 m de diâmetro no qual se registra a presença de cerâmica.

As casas escavadas foram sítio-habitação, comprovado pela existência de fogões no seu interior e cerâmica com fuligem em ambas as faces. Em certo momento a ocupação das duas casas deve ter sido contemporânea pela presença de fragmentos de um mesmo vaso em ambas as casas.

De acordo com o autor (Mentz Ribeiro, pg.20), as duas casas comprovariam uma certa sedentariedade ou uma ocupação prolongada com movimentos sazonais os quais poderiam ser: a) busca ou coleta do pinhão e outros frutos na época mais fria; e b) deslocamento para o mar com coleta de moluscos e pesca numa época mais quente.

Conclui o autor que a tradição Taquara teria uma área de dispersão desde o centro-norte do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Planalto do sul de Minas Gerais. Formaria uma mesma área cultural num conjunto constituído pelas casas subterrâneas (cuja origem deveria ser buscada nas partes mais altas do Planalto Meridional), os montículos, as galerias subterrâneas, a cerâmica e o lítico. Haveria pequenas diferenças regionais, mas sem perder a unidade.

O autor chama isso de área cultural e situa a Fase Herveiras na margem da área cultural da tradição Taquara. No vale do rio Pardo, as casas subterrâneas seriam uma evolução desde um grupo pré-cerâmico (fase Pinhal da tradição Humaitá) para um grupo ceramista (fase Herveiras da tradição Taquara) surgindo então as casas subterrâneas.

## 2.4. LEVANTAMENTOS ARQUEOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE ESMERALDA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

Durante os anos de 1984 e 1985, Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Catharina Torrano Ribeiro desenvolveram pesquisas arqueológicas na bacia do rio Pelotas, município de Esmeralda (Figura 18). A pesquisa foi efetuada dentro do Projeto Arqueológico Uruguai: Barragens de Campos Novos, Itapiranga e Barra Grande, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

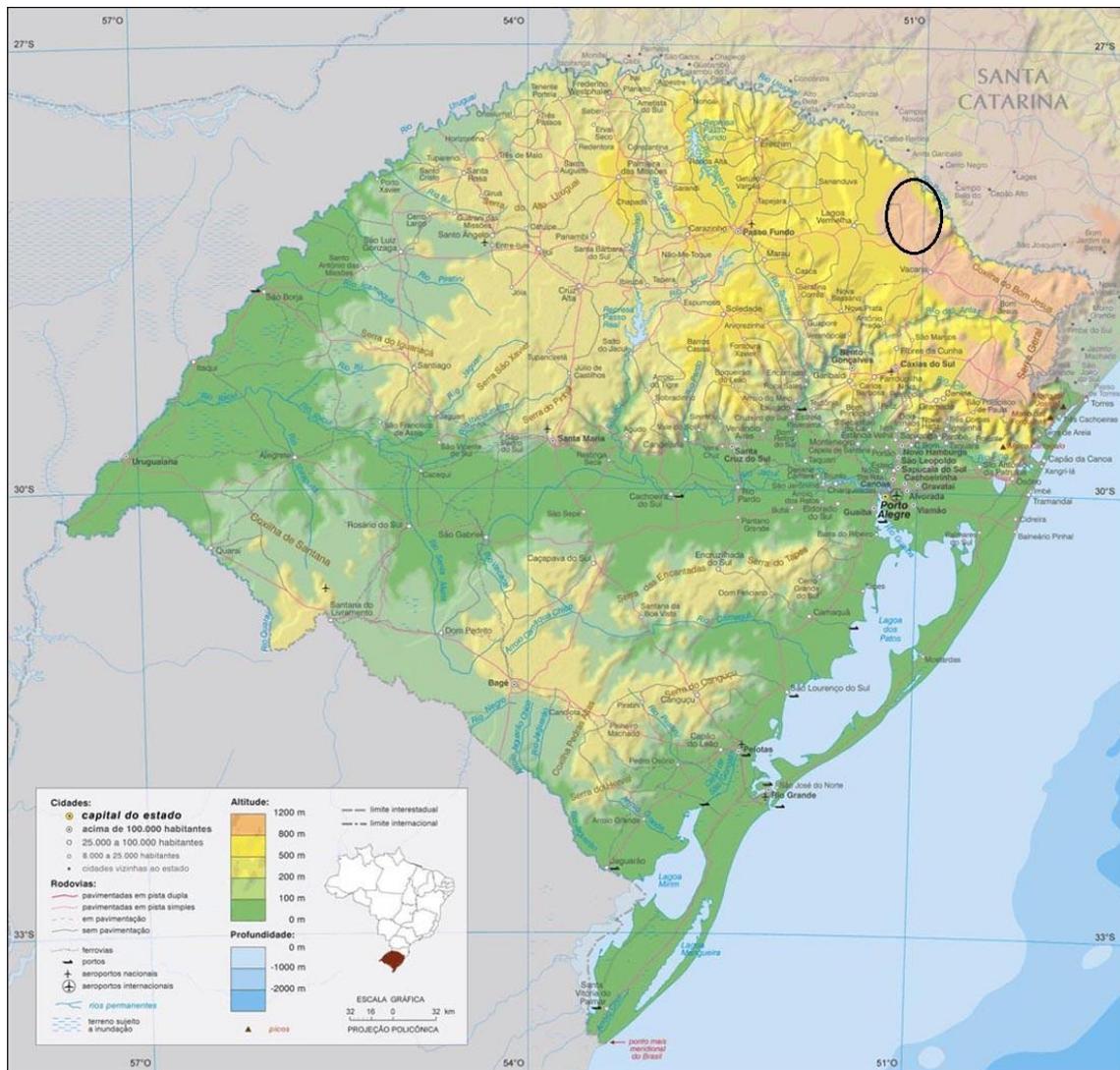


Figura 18. Mapa do relevo do Rio Grande do Sul assinalando em círculo na cor preta a área pesquisada por Mentz Ribeiro para estabelecer a Fase Guabiju da Tradição Taquara.

Os estudos serviram para estabelecer uma nova fase da Tradição Arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul que foi denominada de Fase Guabiju.

A publicação dos resultados ocorreu em agosto do ano de 1985 na Revista do CEPA nº14, periódico de publicação semestral em arqueologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, mantida pela Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul.

Climatologicamente essa região é pertencente ao clima temperado ou das faias, com um frio mais intenso, ocorrendo geadas e nevascas durante o inverno, chegando a temperaturas negativas. No entanto, a temperatura média anual fica em torno dos 16°C com uma precipitação pluviométrica anual entre 1.600 mm e 1.700 mm. Normalmente a temperatura próxima ao rio Pelotas é mais elevada em relação aos locais mais afastados desse rio.

Geologicamente a região pertence à Formação Serra Geral, Lavas basálticas, diques e sills de diabásico associados. O solo no local dos sítios é o basalto em decomposição pardacento avermelhado.

Quanto à vegetação e ao relevo, a região apresenta duas paisagens distintas: junto ao rio Pelotas, numa faixa de aproximadamente 10 km, com um terreno de declive acentuado próximo ao rio e suavizando à medida que dele se afasta; em altitudes que oscilam entre 500 m e 900 m em relação ao nível do mar, apresenta uma vegetação tipo floresta com pinheiros.

Após essa faixa, ocorre um terreno de declividade mais suave, com altitudes entre 900m e 990m em relação ao nível do mar, onde predominam os campos com capões e pinheiros.

As pesquisas resultaram na localização de um total de 24 sítios arqueológicos a céu aberto; 39 conjuntos de casas subterrâneas, totalizando 135 casas; 3 locais com estruturas; 3 galerias subterrâneas; 3 cavernas e 2 abrigos sob rocha (Figuras 19 e 20). As datações obtidas para as casas subterrâneas, num total de seis, resultaram num período de 355 +- 50 e 650 +- 55 A.P.

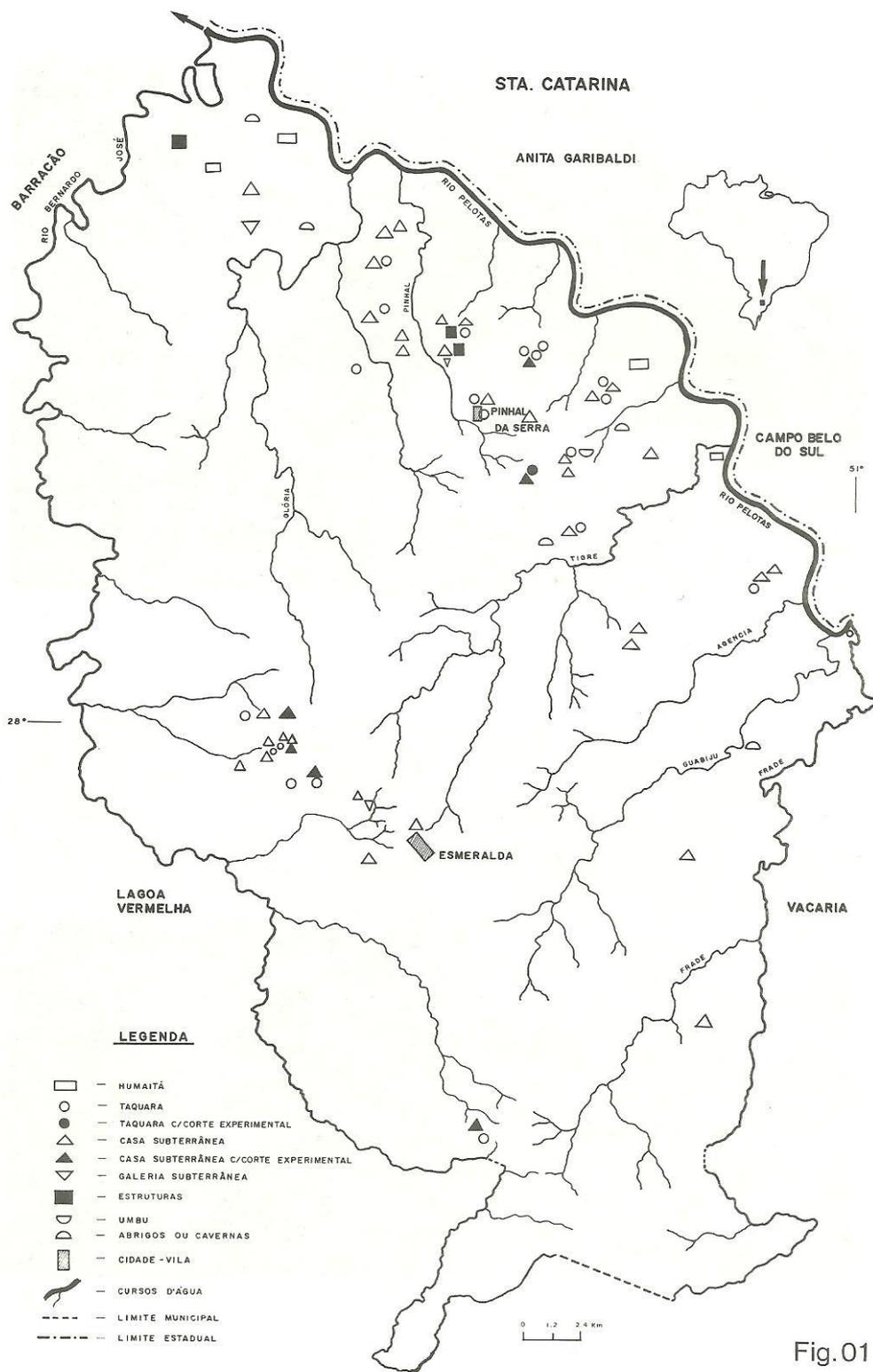


Fig.01

Figura 19. Mapa de localização dos sítios arqueológicos da Fase Guabiju. Fonte: Mentz Ribeiro e Ribeiro. Revista do CEPA, nº14, p.107, 1985.

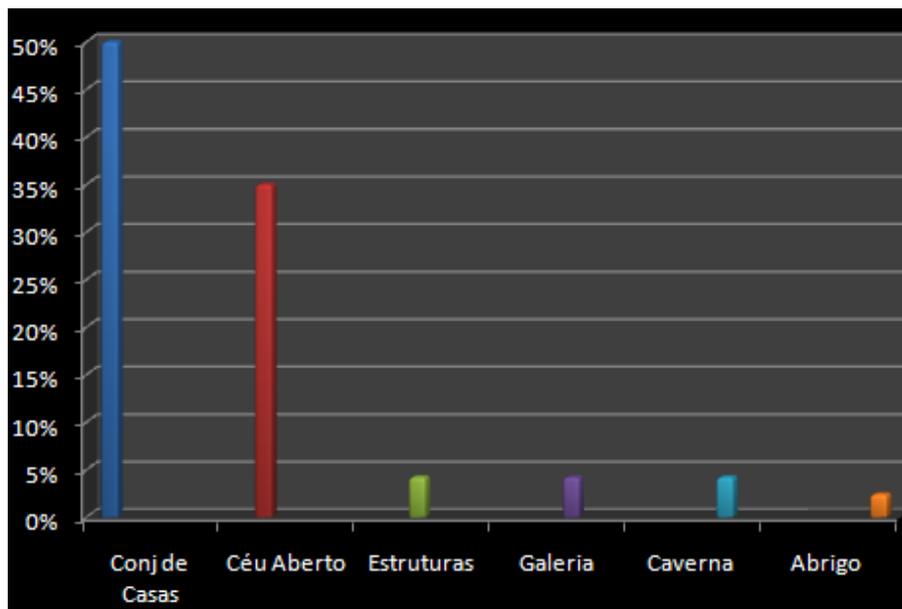


Figura 20. Gráfico ilustrativo do tipo de sítios que constituem a Fase Guabiju.

Os sítios da Fase Guabiju, em sua maioria, encontram-se entre 820 m e 960 m de altitude em relação ao nível do mar. Exceto 2 sítios, que estão em torno dos 600 m, a maioria está na faixa dos 900 m ou mais (Figura 21).

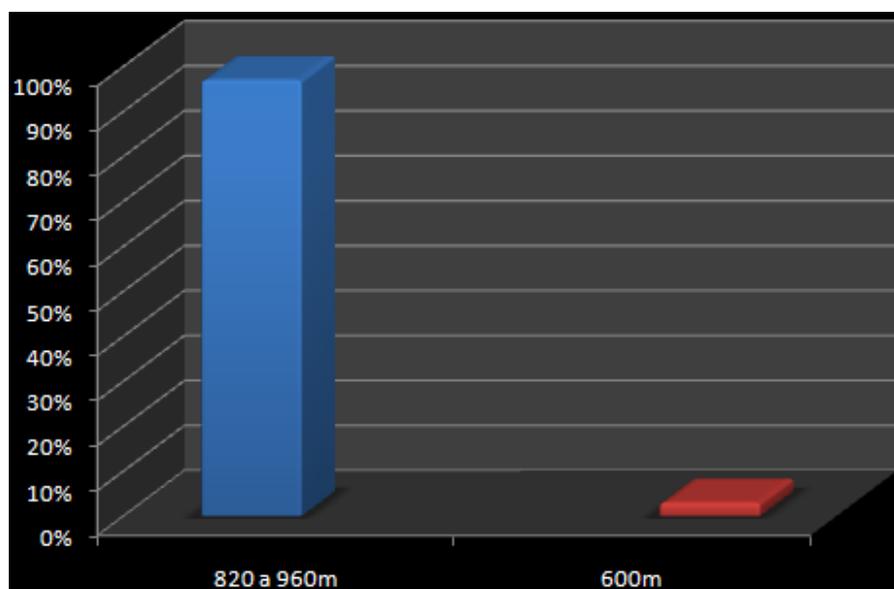


Figura 21. Gráfico ilustrativo da altitude em relação ao nível do mar dos sítios que constituem a Fase Guabiju.

Em geral os sítios estão mais afastados das águas volumosas, mas junto de vertentes ou de sangas e lagoas. Situados em locais planos, altos ou em encostas suaves de orientação Norte, os sítios com menos de 50 cacos de cerâmica ou menos de 5 instrumentos líticos, foram considerados sítio acampamento e, os demais, sítio-habitação.

A dimensão da área, que os sítios a céu aberto ocupam, varia entre 300 m<sup>2</sup> e 2.000 m<sup>2</sup>. Dos sítios que estão em áreas de cultivo, nem o tamanho das manchas pretas, nem a camada de ocupação foram determinados.

As medidas das casas subterrâneas variam entre 2,5m a 22m de diâmetro, encontrando-se a maioria entre 6,0 m e 10,0 m de diâmetro. A profundidade varia de até 0,5m em áreas cultivadas e de até 2,5 m em áreas não cultivadas.

Nas 39 concentrações identificadas, a distribuição é a seguinte: 17 concentrações com 1 casa; 4 concentrações com 2 casas; 10 concentrações com 3 casas; 1 concentração com 4 casas; 2 concentrações com 5 casas; 1 concentração com 8 casas; 2 concentrações com 10 casas; 1 concentração com 15 casas; 1 concentração com 23 casas (Figura 22). Não apresentam distribuição homogênea nem forma definida.

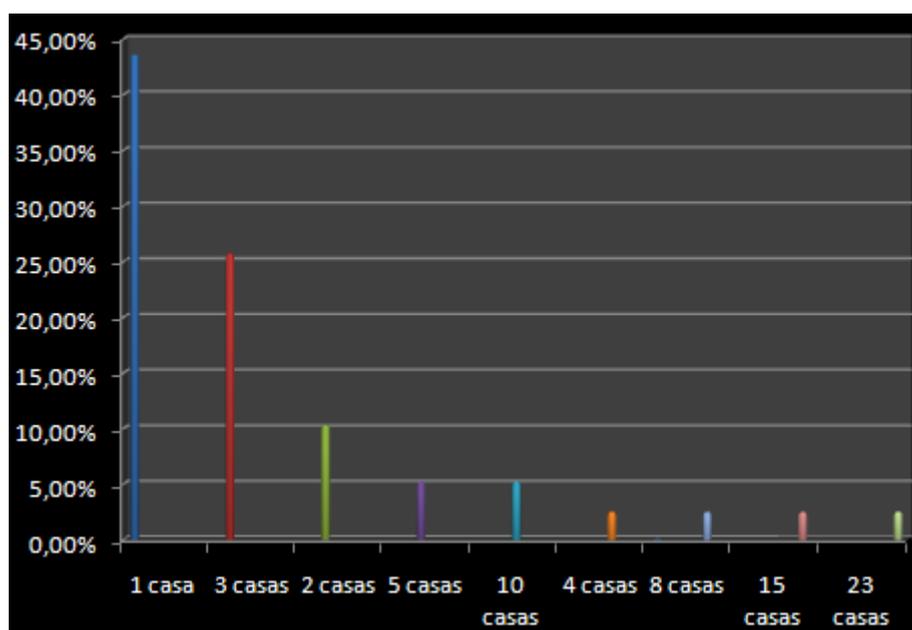


Figura 22. Gráfico ilustrativo do número de casas por concentração

As três galerias subterrâneas localizadas em encosta sul (2) e leste (1) não foram exploradas, sendo medido seu diâmetro que ficou em torno de 1,2 m.

As três cavernas e 2 abrigos sob rocha não apresentaram elementos arqueológicos que comprovassem sua ocupação. Houve apenas o depoimento de um dos proprietários que informou que no interior de uma das cavernas havia encontrado dois sepultamentos sobre uma esteira de taquara.

Os três locais com presença de estruturas são assim descritos: estão localizadas em locais planos no alto de morros. São compostas de terra retirada de seu interior. Duas delas são circulares com as seguintes dimensões: uma com diâmetro de 50 m; aterro de 1,0 m de largura por 0,3 m de altura; outra, com diâmetro de 70 m; aterro de 3,0 m de largura e 0,6 m de altura. São denominadas de estruturas simples (Figura 23).

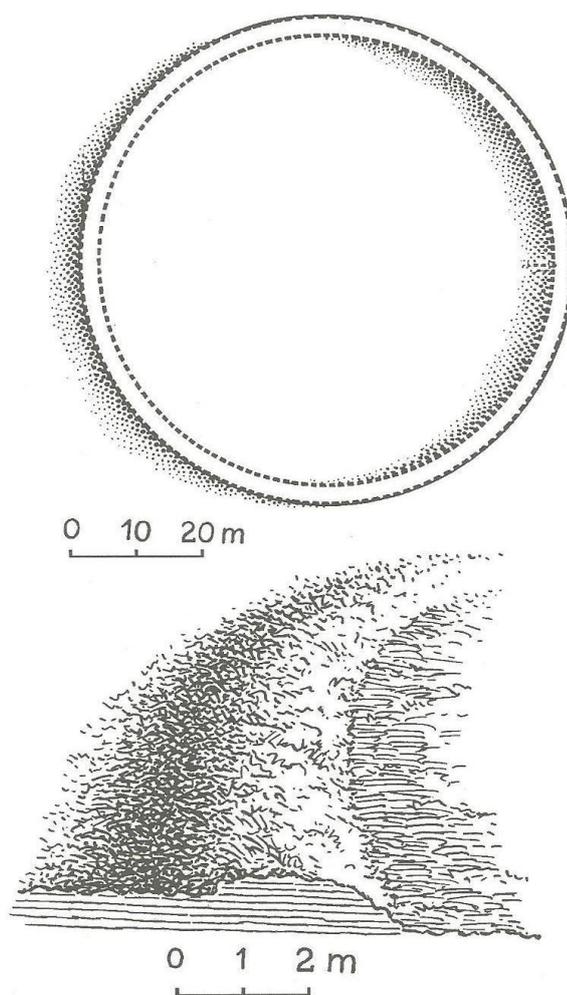


Figura 13. Estruturas no planalto (RS):  
a) Circular.

Figura 23. Ilustração da estrutura simples identificada na pesquisa. Fonte: Mentz Ribeiro e Ribeiro. Revista do CEPA, V.12, nº14, p.113, 1985.

A terceira estrutura, classificada como complexa, é formada por dois círculos e um quadrilátero (trapezoidal). Os diâmetros são de 38,0 m do círculo maior, e 21,0 m de diâmetro do círculo menor. A forma trapezoidal apresenta como base maior 15,0 m e menor 10,0 m. As laterais medem 31,0 m, sendo a largura dos aterros de 2,0 m com 0,3m de altura. No interior do círculo menor e da forma trapezoidal existem montículos circulares com 5,5 m a 6,0 m de diâmetro e altura de 0,4 m a 0,5 m (Figura 24).

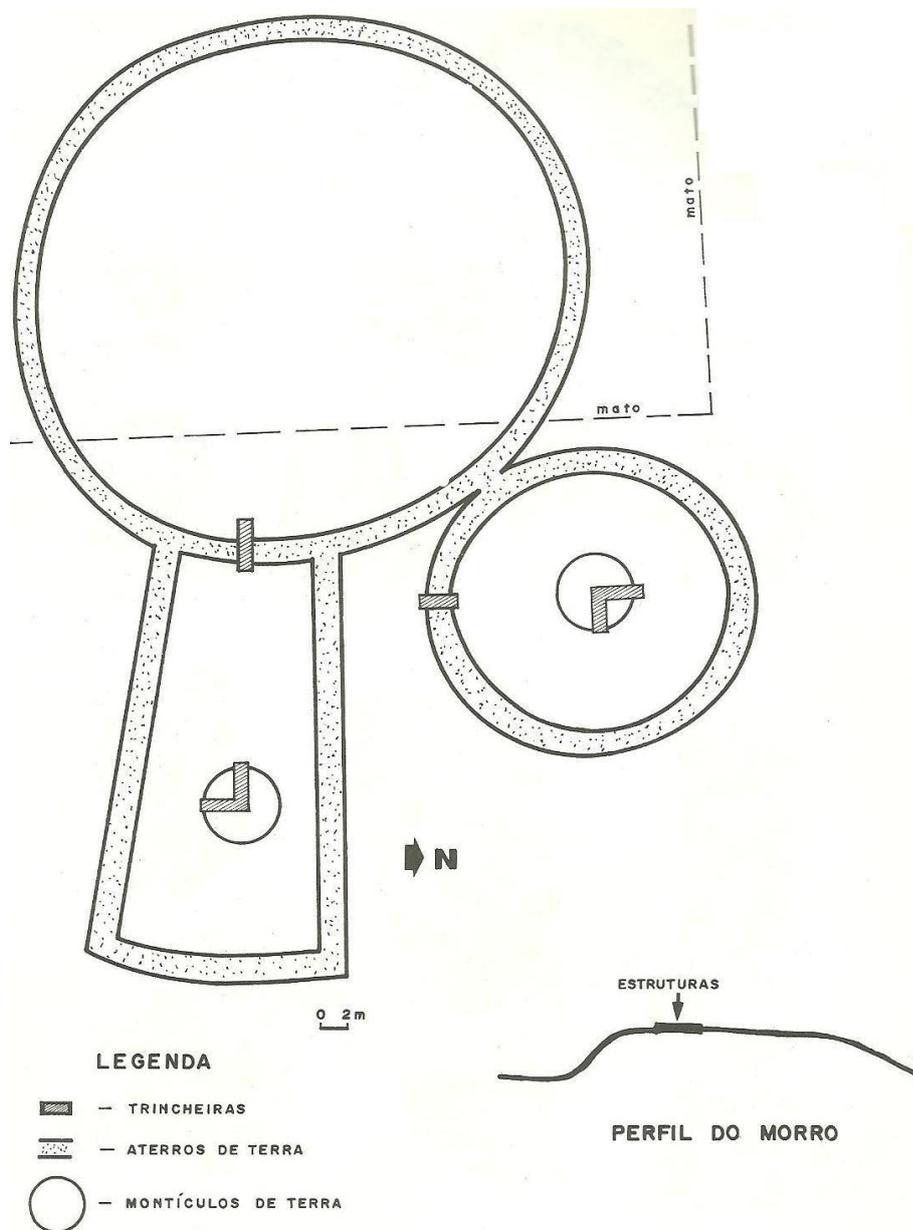


Figura 24. Ilustração da estrutura complexa identificada na pesquisa. Fonte: Mentz Ribeiro e Ribeiro. Revista do CEPA, V.12, nº14, p.115, 1985.

A análise da cerâmica presente nos sítios apresenta dois tipos de tempero: argiloso (6,0%) e arenoso (94,0%), com um subtipo denominado “farinhento”, que representa 12,0% (Figura 25). Quanto à decoração plástica, predomina a cerâmica simples (Figura 26).

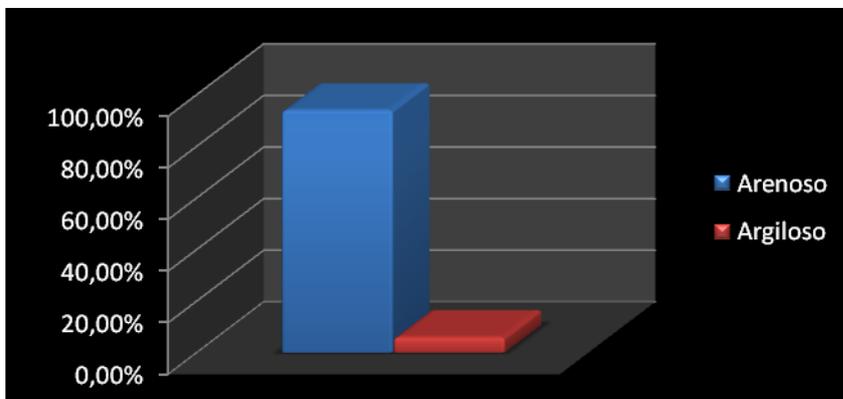


Figura 25. Gráfico percentual dos tipos de tempero identificados na cerâmica.

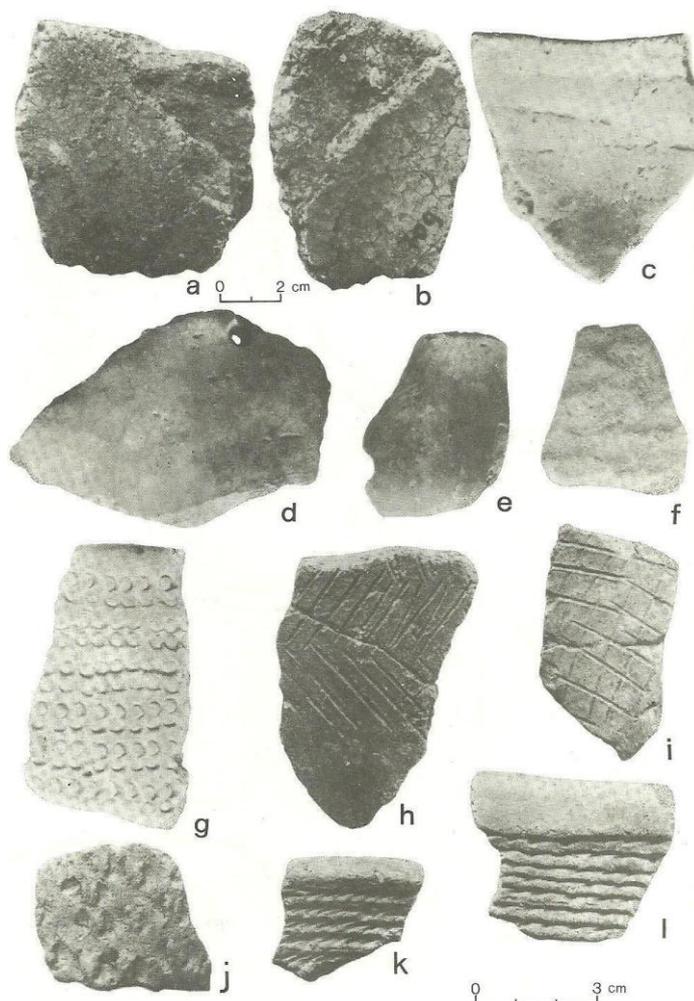


Figura 26. Cerâmica da fase Guabiju: a-e: simples; a-b: indica técnica de confecção, o modelado formado por placas ou banho de argila; f: digitada; g: carimbada; h-i: incisa; j: pinçada; k-l: impressão de corda. Fonte: Mentz Ribeiro e Ribeiro. Revista do CEPA, V.12, nº14, p.116, 1985.

No lítico, utilizando como matéria-prima o basalto, a pedra lascada é mais abundante, predominando sobre as demais (Figura 27). As peças mais características são os talhadores e os raspadores, além da grande quantidade de mãos-de-pilão. Ainda, predominam os utensílios em relação às lascas ou aos núcleos.

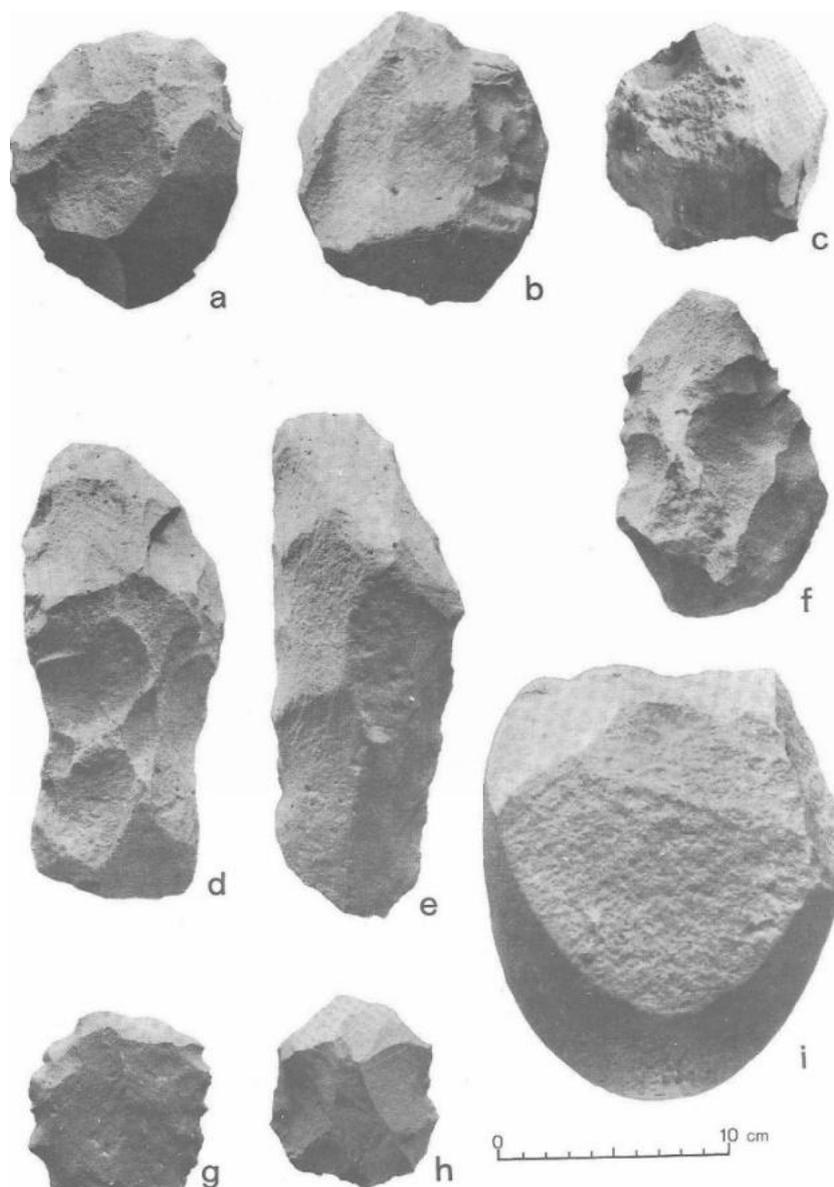


Figura 27. Ilustração do lítico lascado da fase Guabiju da tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro e Ribeiro. Revista do CEPA, V.12, nº14, p.124, 1985.

## 2.5. LEVANTAMENTOS ARQUEOLÓGICOS NA ENCOSTA DO PLANALTO ENTRE O VALE DOS RIOS TAQUARI E CAÍ, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

Entre os anos de 1981 e 1987, Pedro Augusto Mentz Ribeiro e sua equipe desenvolveram pesquisas arqueológicas na região de Montenegro, de Brochier, e de Maratá e Taquari (Figura 28). As pesquisas foram efetuadas com recursos da FAPERGS e da prefeitura de Montenegro, RS.

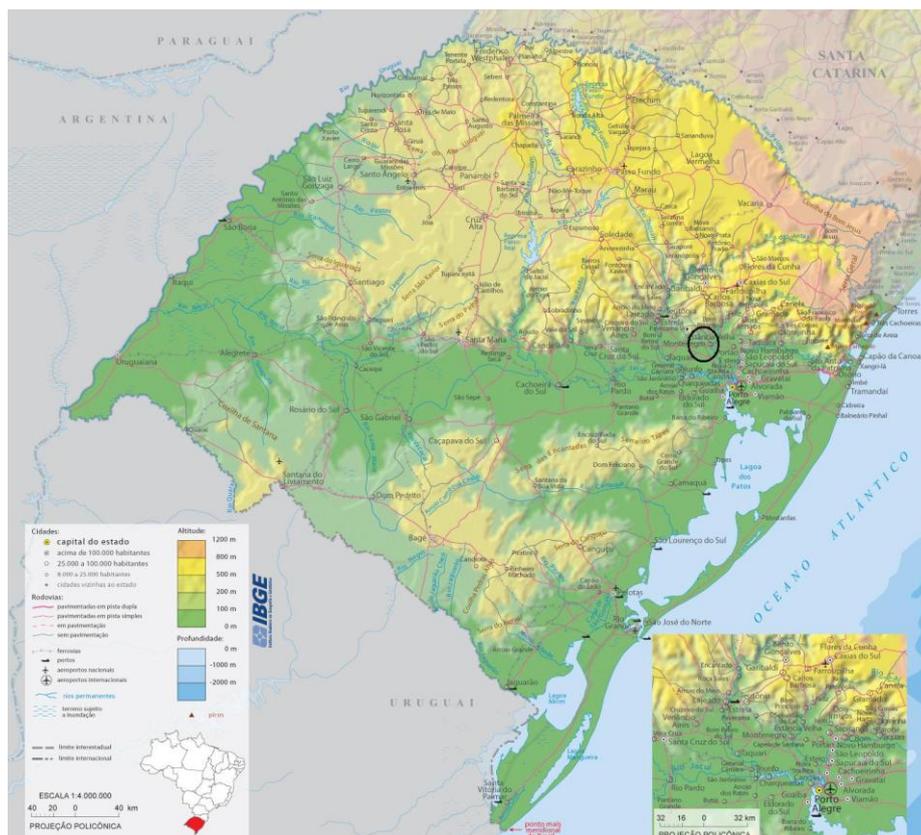


Figura 28. Mapa do relevo do Rio Grande do Sul assinalando em círculo na cor preta a área pesquisada por Mentz Ribeiro na região de Montenegro, de Brochier, de Maratá e de Taquari.

Os estudos serviram para identificar novos locais em abrigos com ocupação da Tradição Arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul (Figura 29).

A publicação dos resultados ocorreu em outubro do ano de 1989 na Revista do CEPA, V.16, n°19, periódico de publicação semestral em arqueologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, mantida pela Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul.

Climatologicamente a região pertence ao subtropical ou virginiano com temperatura média anual em torno dos 19°C com uma precipitação pluviométrica anual entre 1.500 mm e 1.700 mm. A altitude é inferior a 400 m em relação ao nível do mar.

A região situa-se na encosta do planalto, junto às bacias dos rios Taquari e Caí. Geologicamente a região pertence à Formação Rosário do Sul. A rocha predominante é o arenito, ocorrendo também a presença de basalto nas partes altas.

A vegetação é de floresta subtropical. A partir de aproximadamente 30 km ao sul já ocorrem as Pradarias e matagais dos Pampas ondulados.

As pesquisas resultaram na localização de um total de 14 sítios arqueológicos, sendo 11 abrigos-sob-rocha e 3 de campo aberto.

Em um único abrigo-sob-rocha, o sítio RS-TQ:58 – Afonso Garivaldino Rodrigues, foi encontrada, na camada superficial, cerâmica associada à tradição arqueológica Taquara.

Os demais sítios apresentam vestígios associados à tradição Arqueológica Umbu; tradição Arqueológica Umbu mais Tupiguarani na superfície, ou somente Tupiguarani em superfície, e um único com cerâmica Neobrasileira.

A altitude dos sítios oscila entre 80 m e 220 m em relação ao nível do mar.

A decoração da cerâmica é do tipo ponteadado, sendo essa decoração comum em todas as fases da tradição Taquara no estado. A mesma cerâmica está presente em abrigos no vale do Caí entre 20 km e 40 km ao leste.

A sequência, para a ocupação na região, da mais antiga para a mais recente é: Tradição Arqueológica Umbu, Tradição Arqueológica Taquara e Tradição Arqueológica Tupiguarani, ressaltando que a ocupação Tupiguarani em abrigos no Rio Grande do Sul ocorre entre 100 e 300 anos A.P.(RIBEIRO, 1982).

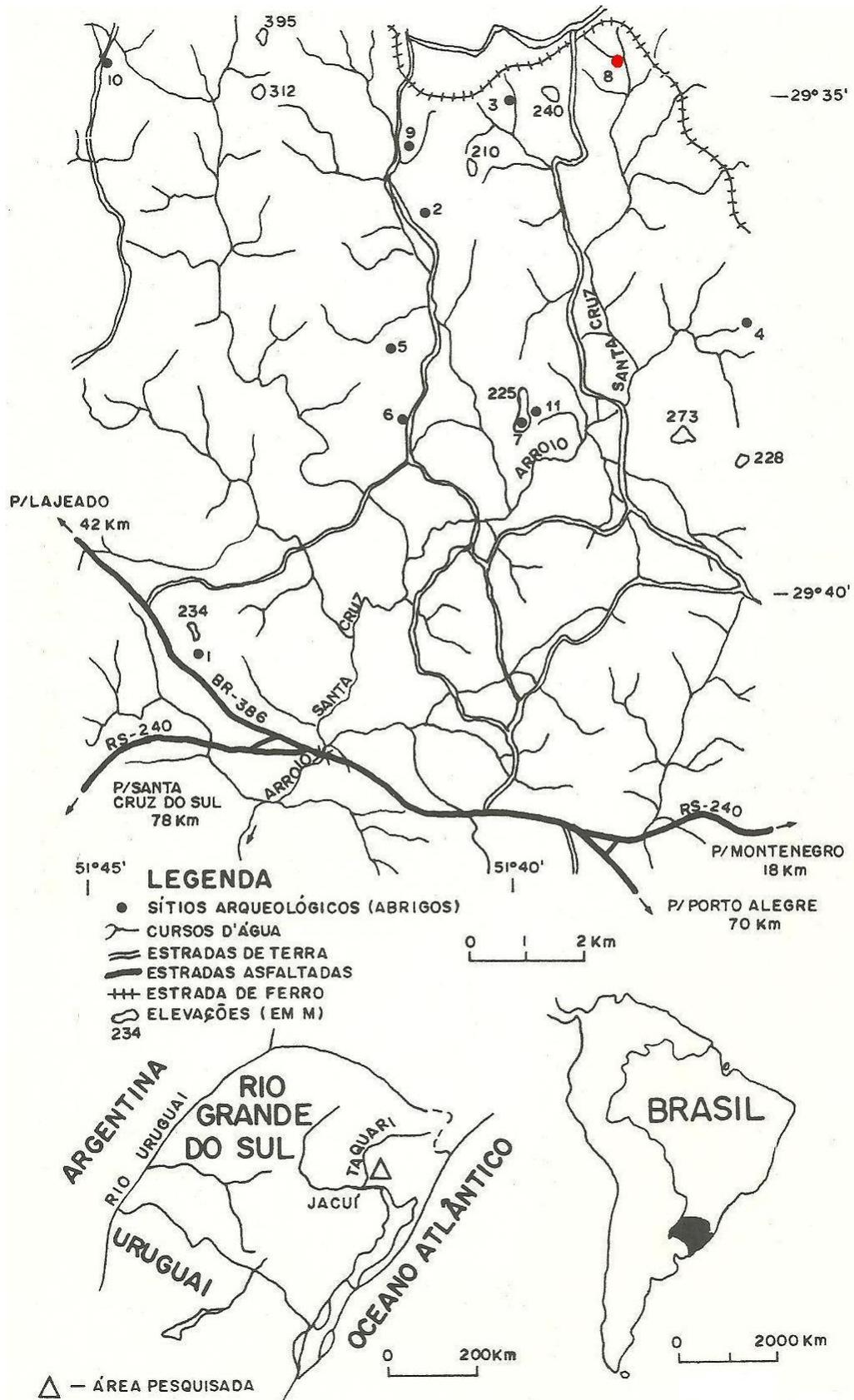


Figura 29. Localização dos sítios pesquisados no projeto. Fonte: Mentz Ribeiro e outros. Revista do CEPA, V.16, n°19,p.90, 1989. Em vermelho o sítio Afonso Garivaldino.

## 2.6. ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Durante os anos de 1991 e 1992, Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Catharina Torrano Ribeiro, Ana Lucia Herberts, Angela Berenice Diehl, Sirlei Hoeltz e Joaquim Jorge Silveira Buchaim desenvolveram pesquisas arqueológicas na bacia do rio Pelotas e Antas, municípios de Bom Jesus e São José dos Ausentes (Figura 30). A pesquisa foi efetuada a convite da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Bom Jesus.

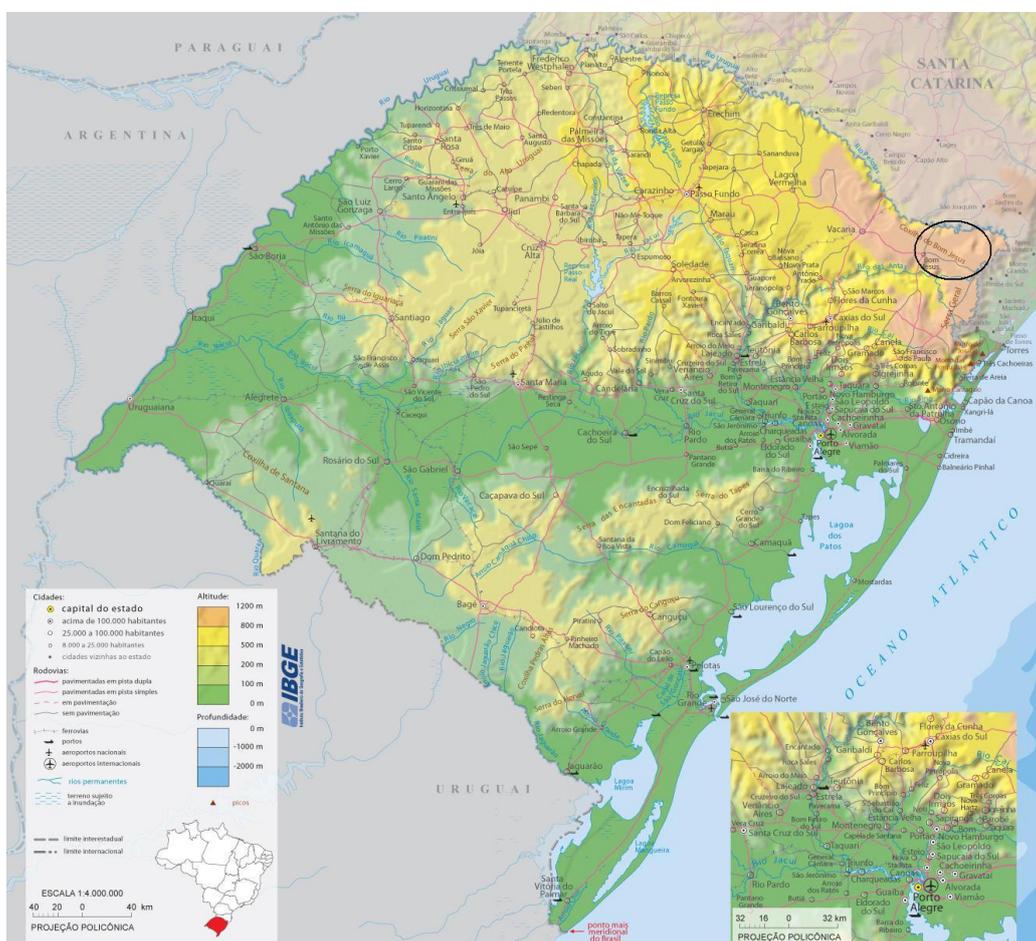


Figura 30. Mapa do relevo do Rio Grande do Sul assinalando em círculo na cor preta a área pesquisada por Mentz Ribeiro e outros, nos municípios de Bom Jesus e São José dos Ausentes.

Não foi estabelecida nova fase arqueológica, sendo os sítios considerados como do período mais recente da fase Guatambu da Tradição Arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul.

A publicação dos resultados ocorreu em agosto do ano de 1994 na Revista de Arqueologia, V.8, nº1, p.221-235. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

Climatologicamente é uma região pertencente ao clima temperado, com um frio mais intenso, ocorrendo geadas e nevascas durante o inverno. A temperatura média anual máxima fica em torno dos 20°C a 22°C e a mínima em torno dos 8°C a 12°C. A precipitação pluviométrica anual está entre 1.750 mm e 2.000 mm.

Geologicamente a região pertence à Formação Serra Geral, Lavas basálticas, diques e sills de diabásico associados. O solo no local dos sítios é o basalto em decomposição com afloramentos rochosos.

Quanto à vegetação e ao relevo, a região se enquadra como de campos limpos, pradarias densas nas alturas meridionais do Brasil, floresta com pinheiros. Altitudes oscilando entre 800 m e 1378 m em relação ao nível do mar.

As pesquisas resultaram na localização de um total de 4 sítios arqueológicos de campo aberto; 7 conjuntos de casas subterrâneas totalizando 12 casas (5 conjuntos com 1 casa, 1 conjunto com 3 casas e 1 conjunto com 4 casas); 1 caverna e 1 abrigo sob rocha (Figuras 31, 32 e 33).

As datações obtidas para as casas subterrâneas não foram publicadas neste artigo, mas estima-se um período entre 600 e 700 anos A.P. (seria o período mais recente da fase Guatambu a qual apresenta uma periodização entre 1810 e 700 anos A.P.).



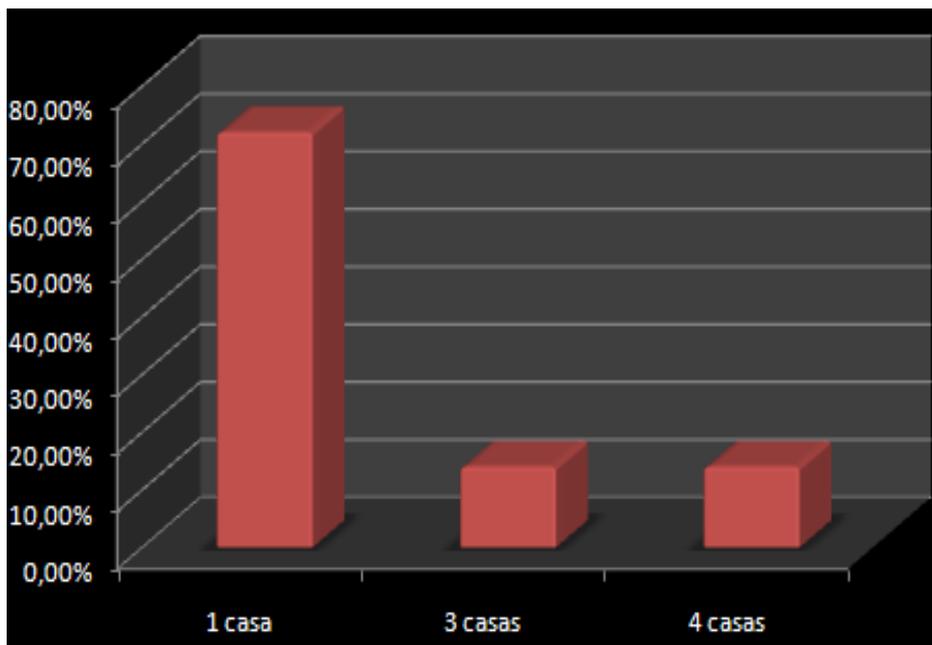


Figura 33. Gráfico ilustrativo do número de casas por concentração.

Os sítios em sua maioria encontram-se entre 800 m e 1150 m de altitude em relação ao nível do mar.

Em geral os sítios estão mais afastados das águas volumosas, mas junto de vertentes, banhados ou sangas e lagoas. Estão situados em locais planos, altos ou em encostas suaves.

Em relação à área que os sítios de campo aberto ocupam varia entre 400 m<sup>2</sup> e 6.000 m<sup>2</sup>. Os sítios estão em áreas de cultivo e nem o tamanho das manchas pretas nem a camada de ocupação foram determinados.

As medidas das casas subterrâneas variam entre 4,8 m a 17,5 m de diâmetro, encontrando-se a maioria entre 4,8 m e 6,5 m de diâmetro. A profundidade varia entre 1,0 m e 4,0 m, sendo a maioria entre 1,0 m e 2,5 m.

No abrigo-sob-rocha os elementos arqueológicos que comprovariam sua ocupação são cerâmica e ossos humanos.

A análise da cerâmica presente nos sítios (590 cacos de campo aberto e 82 de casa subterrânea) apresenta antiplástico arenoso e o modelado como técnica de manufatura. Quanto à decoração plástica, ocorre a seguinte: a) casas subterrâneas – 64,6% decorados, 30,5% simples e 4,9% inclassificável; b) sítio de campo aberto – 100,0% simples (2 sítios), 98,0% simples (1 sítio) e 80,9% simples (1 sítio), esse apresentando 3,3% decorados e 15,8% inclassificável (Figura 34).

Cabe destacar que, em uma das casas subterrâneas (base a 1,10 m profundidade), foi localizado vasilhame da Tradição Arqueológica Tupiguarani (Figura 34 vasilha A).

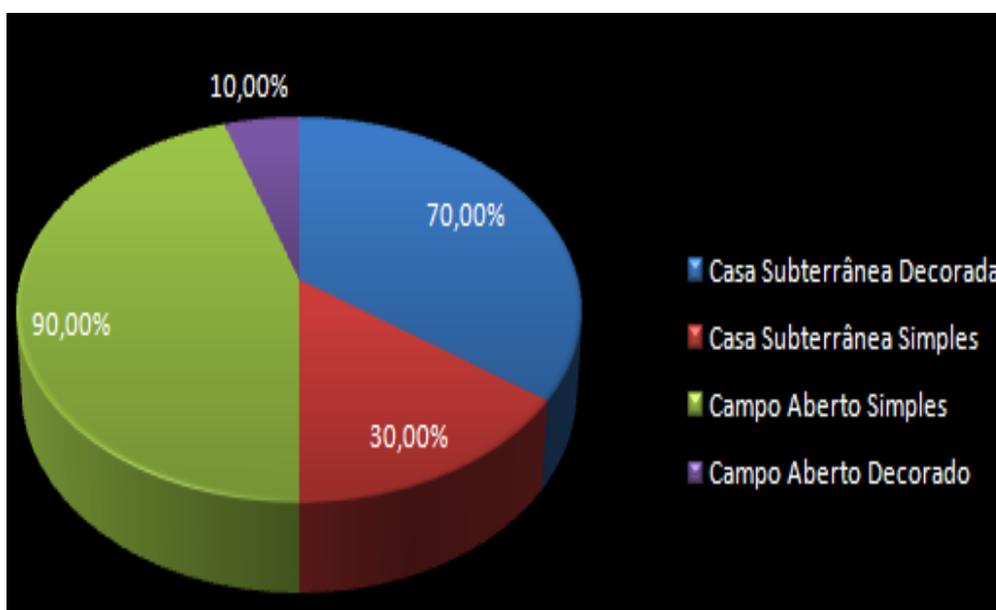


Figura 34. Ilustração da diferença no percentual da cerâmica simples em relação à decorada nos sítios.

Com bases arredondadas ou cônicas, a forma mais comum dos vasilhames é a simples, seguida da inflectida (Figura 35). A abertura da boca varia entre 9 cm e 19 cm, predominando entre 11 cm e 12 cm nas casas subterrâneas; nos sítios de campo aberto, a abertura da boca varia entre 6 cm e 20 cm, predominando entre 14 cm e 17 cm. A espessura das paredes varia entre 0,3 cm e 1,0 cm, predominando entre 0,5 cm e 0,5 cm nas casas subterrâneas; nos sítios de campo aberto entre 0,3 cm e 1,4 cm, predominando entre 0,4 cm e 0,9 cm.

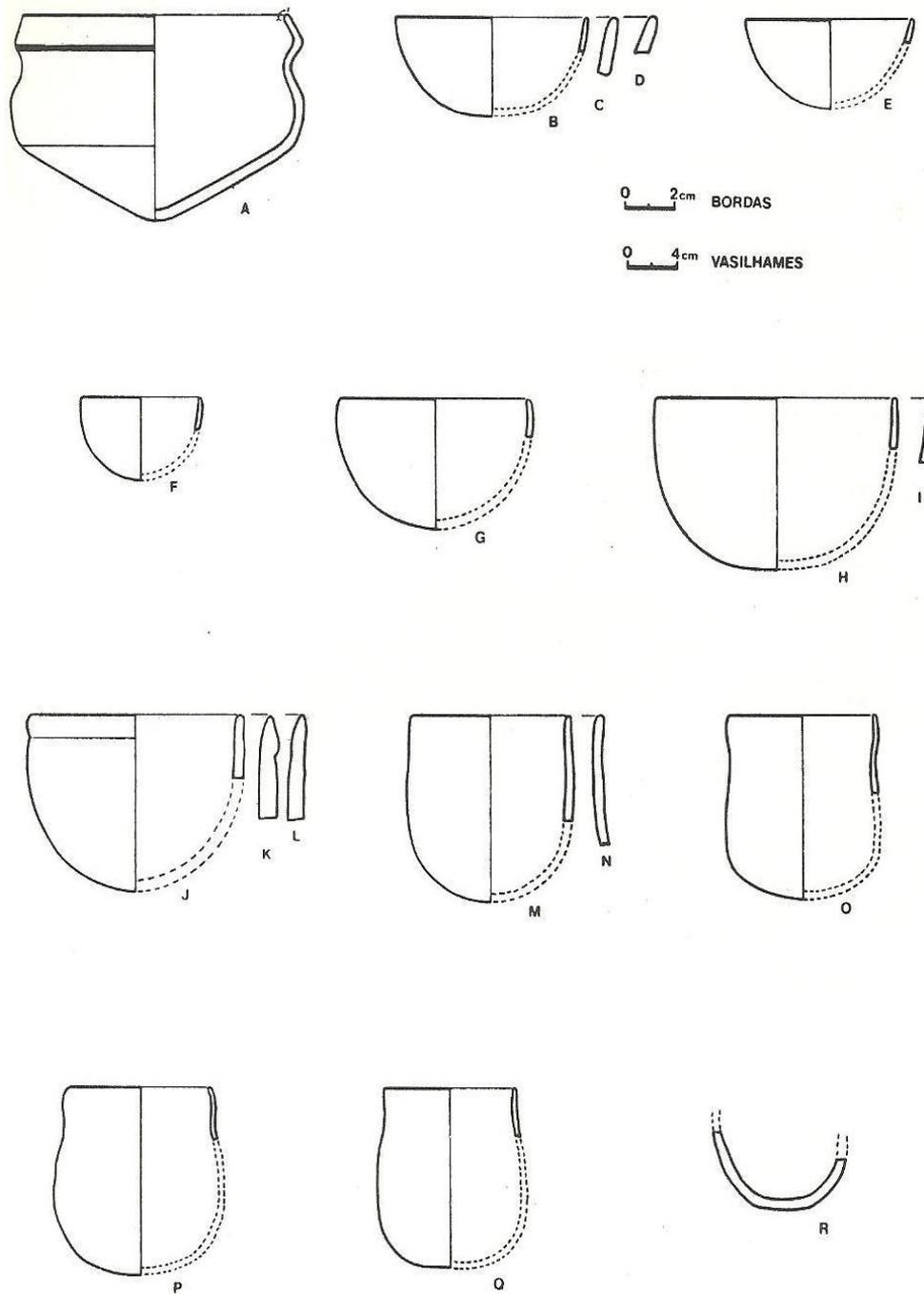


Figura 35. Ilustração de formas de vasilhas cerâmicas da Tradição Taquara presentes na área estudada. Fonte: Mentz Ribeiro e outros. Revista de Arqueologia, V.8, nº1, 1994, p.234. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

No lítico, utilizando como matéria-prima o basalto, a pedra lascada é o mais abundante, predominando sobre as demais (Figura 36). As peças mais características são os talhadores, os raspadores e fragmento de mão-de-pilão. No contexto geral, predominam as lascas.

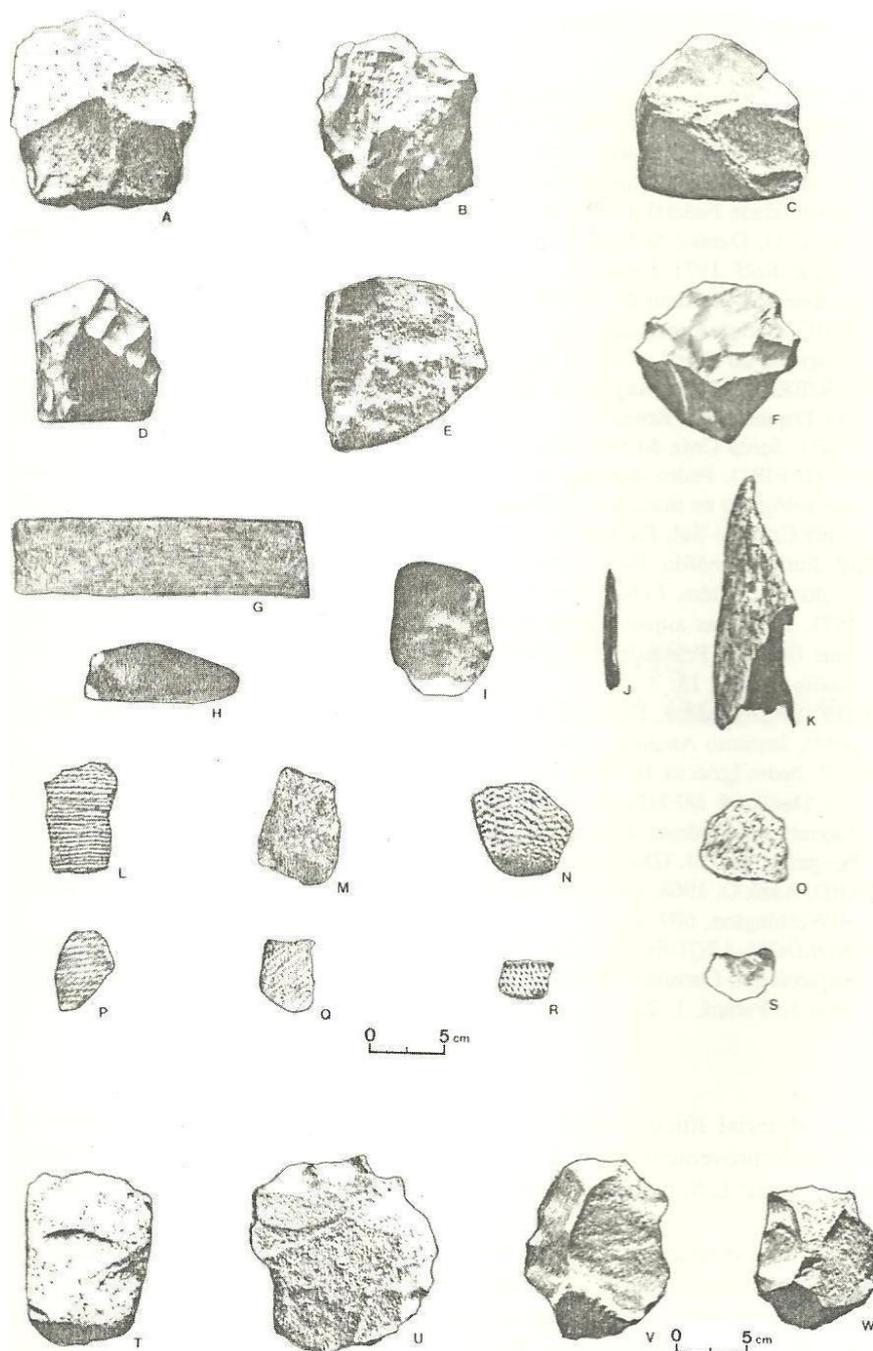


Figura 36. Ilustração do lítico e da cerâmica da Tradição Taquara presentes na área estudada. Fonte: Mentz Ribeiro e outros. Revista de Arqueologia, V.8, nº1, 1994, p.235. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

## 2.7. A TRADIÇÃO TAQUARA E AS CASAS SUBTERRÂNEAS NO SUL DO BRASIL

Com a publicação do artigo “A Tradição Taquara e as Casas Subterrâneas no Sul do Brasil” na Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.9-49, Julho de 1999 a Dezembro de 2000 do INSTITUTO PANAMERICANO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA, Mentz Ribeiro faz uma retrospectiva de suas pesquisas em relação aos portadores da Tradição Arqueológica Taquara, desenvolvidas ao longo de mais de três décadas.

### 2.7.1. Breve Histórico das Pesquisas no Rio Grande do Sul

A primeira notícia que se tem sobre casas subterrâneas é a publicação de Gabriel Soares de Sousa, “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”, a qual faz referência que, desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, viviam índios debaixo do chão.

No início do século XX Telêmaco de Borba (1908) menciona o uso de covas como moradias de índios no Paraná.

Em 1938 Antônio Serrano publica no Chile um artigo sobre a coleção do médico argentino Juan Kern, radicado em São Francisco de Paula: “Arqueologia de las grutas de San Francisco de Paula, RS.

Em 1958, Pedro Ignacio Schmitz publica aspectos da cerâmica denominada Osório, posteriormente incluída na fase Taquara.

Em 1965, Igor Chmyz estuda as primeiras casas subterrâneas no nordeste e planalto, também incluídas posteriormente à fase Taquara.

A partir de 1967, Eurico Theófilo Miller, no PRONAPA, publica artigos de pesquisas nas regiões nordeste, norte, noroeste e litoral norte do estado, estabelecendo as fases Taquara, Guatambu e Taquaruçu.

Também a partir de 1967, Pedro Ignacio Schmitz e colaboradores Fernando La Salvia, Ítala Irene Basile Becker, Danilo Lazzarotto, João Alfredo Rohr e Pedro Augusto Mentz Ribeiro apresentam resultados de pesquisas do nordeste do Rio Grande do Sul, originando a fase Vacaria que, mais tarde, seria anexada à fase Guatambu.

Em 1972, Pedro Augusto Mentz Ribeiro estabelece a fase Caí da tradição Taquara.



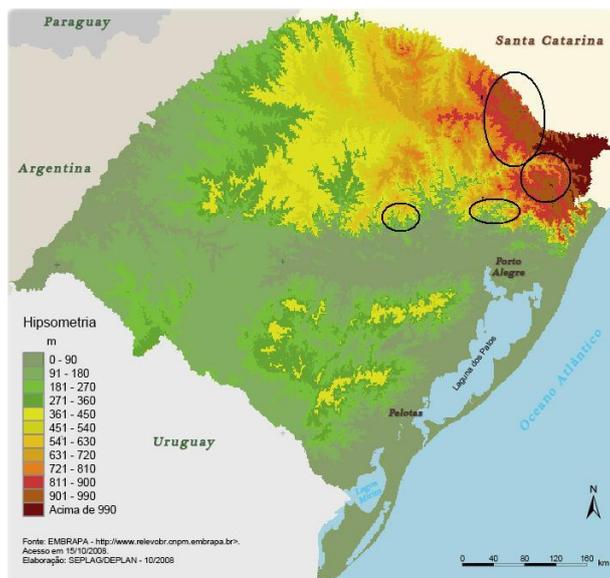


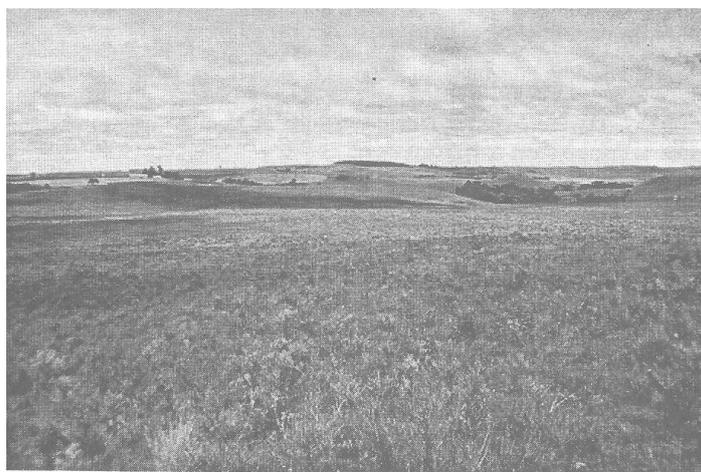
Figura 38. Mapa do Rio Grande do Sul com as áreas pesquisadas por Mentz Ribeiro.

### 2.7.2. A Paisagem

Considerando aspectos como relevo, clima, vegetação e recursos alimentares, a área de dispersão da Tradição Taquara apresenta basicamente três regiões:

a) região leste do Planalto Sul-Brasileiro.

Com altitudes em torno de 600 m, apresenta temperatura média anual em torno de 16°C. No inverno pode alcançar temperaturas negativas e, no verão, superiores a 30°C. Geadas e nevadas são comuns nas partes mais elevadas. A precipitação média anual é de 1250 mm a 1750 mm. A vegetação predominante é a floresta subtropical com araucária entremeada com campos (Figura 39).



Paisagens da área de dispersão da Tradição Taquara:  
a) Campos de cima da serra, com capões de mato de araucária.

Figura 39. Ilustração de paisagem dos campos de cima da serra (leste do Planalto Sul-Brasileiro). Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N° 17 a 19, p.15, julho de 1999 a dezembro de 2000.

- b) região oeste do Planalto Sul-Brasileiro e depressão dos rios Paraná, Uruguai e Jacuí.

Apresenta temperatura média anual em torno de 20°C. No inverno pode alcançar temperaturas próximas a zero grau e, no verão, 40°C. Geadas são comuns durante os meses de inverno. A precipitação média anual é de 1500 mm a 2000 mm. A vegetação predominante é a floresta subtropical e subtropical com araucária e manchas de campos, mais ao norte tropical semiúmida interior (Figura 40).



Paisagens da área de dispersão da Tradição Taquara: b) Floresta subtropical.

Figura 40-. Ilustração de paisagem na região oeste do Planalto Sul-Brasileiro. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.16, julho de 1999 a dezembro de 2000.

- c) o litoral.

O litoral marinho apresenta temperatura média anual em torno de 19°C. No inverno pode alcançar temperaturas próximas a zero grau e no verão, 40°C. Geadas são raras no inverno. A precipitação média anual é de 1500 mm. A vegetação predominante é a tropical úmida atlântica e a litorânea.

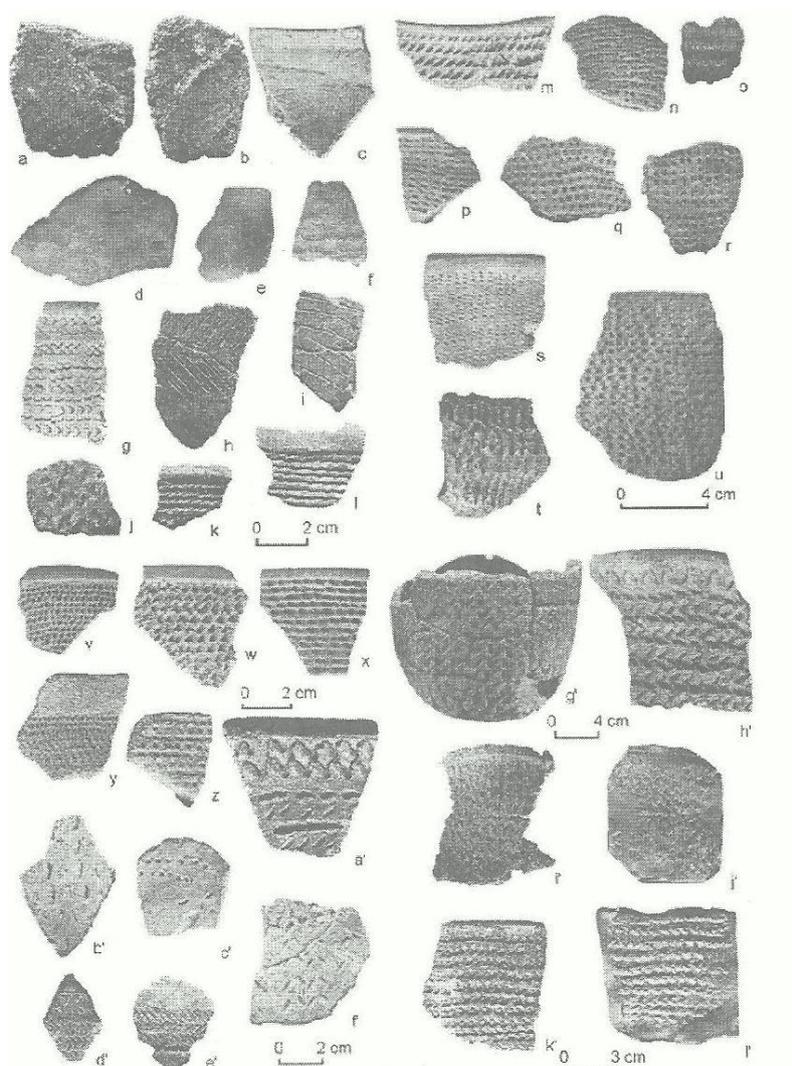
### 2.7.3. A Definição da Tradição Taquara

Mentz Ribeiro assim define a Tradição Taquara:

Os portadores da cultura material, definida como Tradição Taquara, apresenta uma área de dispersão desde o sul do estado de São Paulo até a encosta sul do planalto Meridional do Rio Grande do Sul e do litoral Atlântico do Paraná, Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul à província argentina de Misiones. Definimo-la como “Uma tradição cultural caracterizada principalmente por uma cerâmica simples e, quando decorada, o é plasticamente (ponteada, pinçada, incisa, ungulada, cestaria impressa), por lítico lascado por percussão direta (talhadores bifaciais, grandes raspadores) polido (lâminas de machado, mãos-de-pilão) e casas subterrâneas nas fases do planalto” Mentz Ribeiro,1991). Os sítios de campo aberto são os mais comuns e encontrados em todas as áreas, assim como os abrigos sob rocha e cavernas. Seguem-se-lhes, em frequência, as casas subterrâneas, os montículos (túmulos?), as galerias subterrâneas e as estruturas circulares ou complexas, no planalto, 600 m acima do nível do mar (MENTZ, RIBEIRO, 2000, p.16).

#### 2.7.4. O Material

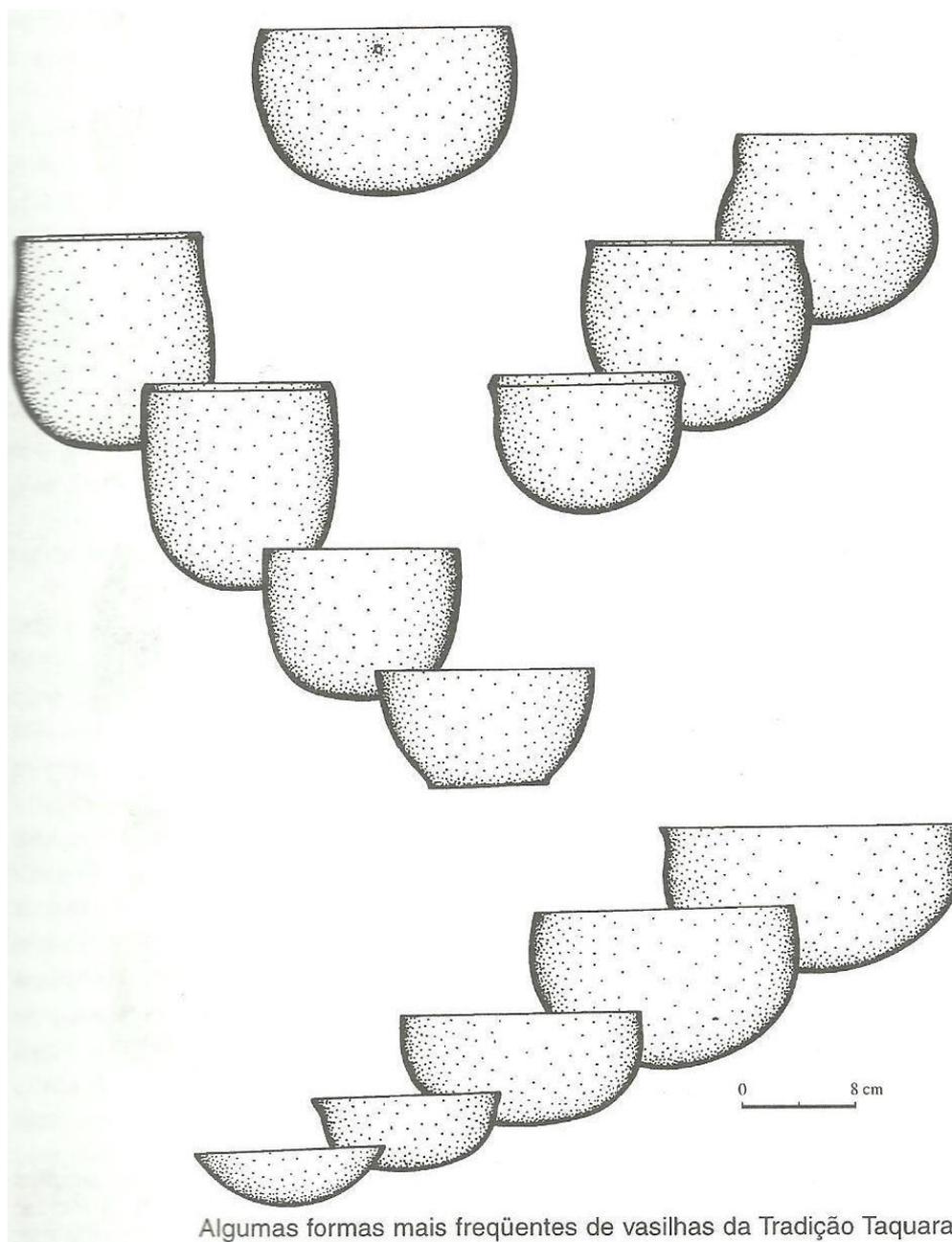
A cerâmica apresenta um mau cozimento e é confeccionada pelas técnicas do modelado e acordelado. O antiplástico é arenoso fino ou médio. Entre as vasilhas predominam as sem decoração. Entre as decoradas destaca-se a ponteadada, incisa (zig-zague ou gradeado no meio da peça), pinçada, ungulada, impressão de cestaria, corda, de malha, carimbada, digitada e pintada em vermelho (Figura 41).



Fragmentos de vasilhas de cerâmica da Tradição Taquara: a-e) simples (com furo de suspensão); d); f) digitada; g) carimbada; h, i) incisa; j) pinçada; k-l) impressão de corda (verso e reverso); m-u) ponteadada; v-z) cestaria impressa; m) a',c') mista (pinçada e ungulada; ponteadada arrastada e ungulada); b',d') ungulada; e',f') ponteadada; g',i',k') cestaria impressa (j' e l' representam os negativos, com massa para modelar, dos fragmentos i' e k', respectivamente; h') mista (cestaria impressa com uma faixa horizontal pinçada no extremo superior da borda).

Figura 41. Ilustração de cerâmica da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.19, julho de 1999 a dezembro de 2000.

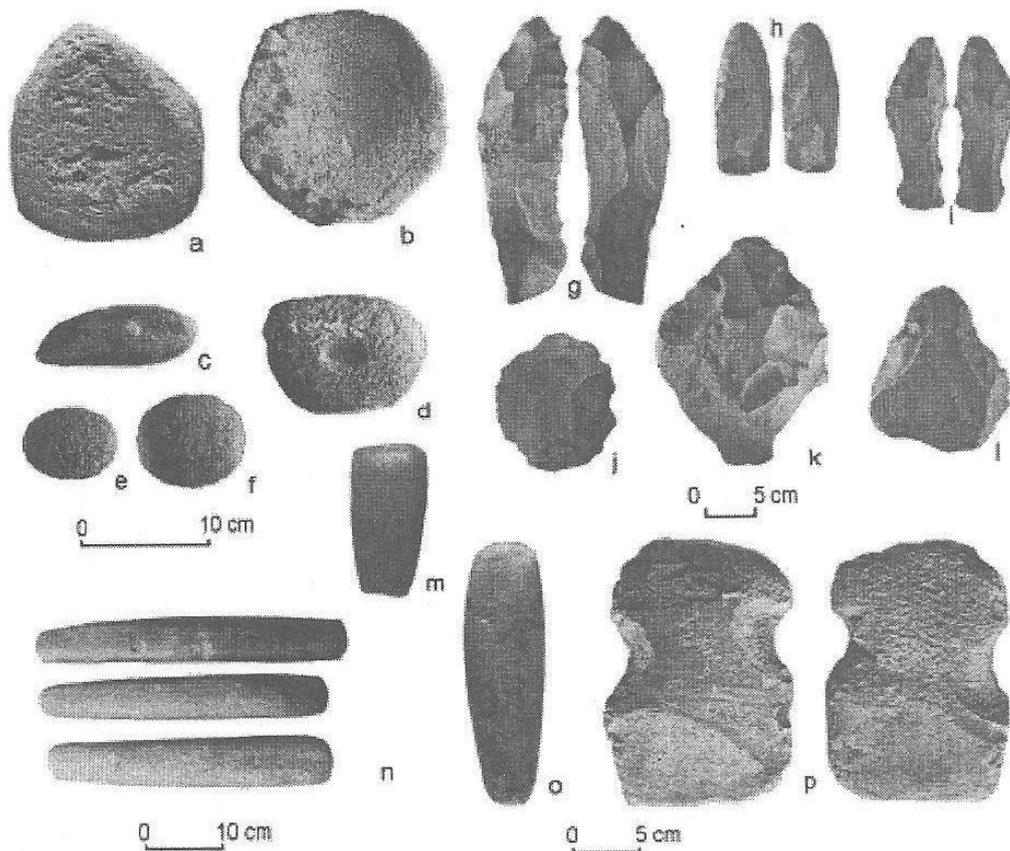
Com bases arredondadas, as formas mais comuns das vasilhas são a cilíndrica, meia-esfera, esfera, meia calota, meia-elipse horizontal, cônica. Os contornos são simples, inflectidos e compostos, com caso de perfuração próximo ao lábio. A abertura da boca varia entre 5 cm e 58 cm, predominando entre 8 cm e 16 cm. A espessura das paredes varia entre 2 mm e 18 mm, predominando entre 6 mm e 10 mm (Figura 42).



Algumas formas mais freqüentes de vasilhas da Tradição Taquara.

Figura 42. Ilustração de formas de vasilhas cerâmicas da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.20, julho de 1999 a dezembro de 2000.

No lítico lascado, destacam-se os talhadores bi e unifaciais, raspador, lasca, lasca utilizada, lasca retocada, núcleo, raras lâminas de machado ou picão. No lítico polido encontram-se como de maior presença, a lâmina de machado e a mão-de-pilão e, em menor número, virote, tembetá, pingente, enxada, moedor, triturador, furador, cinzel, zoólito e boleadeira. No lítico utilizado sem preparo, há o percutor, batedor, moedor, polidor, afiador-em-canaleta, bigorna, quebra-coco (Figura 43).



Material lítico da Tradição Taquara: a) bigorna; b) mó; c) percutor; d) pedra com depressão semiesférica polida; e, f) batedores-trituradores; g-i) talhadores bifaciais (verso e reverso); j) raspador; k-l) talhadores bifaciais; m) lâmina de machado polida; n) mão-de-pilão; o) mão-de-mó; p) enxada.

Figura 43. Ilustração de material lítico da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.21, julho de 1999 a dezembro de 2000.

### 2.7.5. Os Sítios

A Tradição Taquara apresenta diferentes tipos de manifestações as quais representam sua presença: sítios de campo aberto, casas subterrâneas, montículos ou aterros, estruturas circulares ou complexas, galerias subterrâneas, abrigos sob rocha e cavernas.

#### 2.7.5.1. Sítio de Campo Aberto

São locais de campo aberto propriamente dito, com ocorrência de cerâmica e lítico e, em alguns casos, de manchas de terra escura. A forma é circular ou elipsoidal de 3 m a 80 m de diâmetro (em média 20 m a 30 m), podendo ocupar uma área superficial entre 14,0 m<sup>2</sup> e 15000 m<sup>2</sup> (Figura 44).



Sítios da Tradição Taquara no planalto: a) Campo aberto (assinalado).

Figura 44. Ilustração de localização de sítio de campo aberto da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, Nº17 a 19, p.22, julho de 1999 a dezembro de 2000.

#### 2.7.5.2. Casas Subterrâneas

No Rio Grande do Sul, a presença dessas casas é registrada nas fases Guatambu, Taquara, Herveiras e Guabiju. São estruturas em geral irregularmente distribuídas, circulares ou elípticas (Figura 45). O número de casas varia de 1 a 68 com predomínio de 1 a 5 (Figura 46).

A abertura varia de 2 m a 20 m de diâmetro, em média entre 5 m e 8 m. A profundidade varia entre 0,4 m e 8,0 m, em média 2,0 m. As casas de pouca profundidade (algumas) são classificadas como semisubterrâneas. A espessura dos sedimentos pode atingir 0,7 m, em média 0,20 m.

As casas localizadas em áreas de cultivo apresentam paredes mais inclinadas internamente. As de área de mato apresentam as paredes praticamente retas (Figura 46). O acesso seria através de rampa ou escada. Em seu interior são encontrados restos de fogueira, cerâmica, instrumentos líticos e banquetas, circundando parcialmente a casa. As datações absolutas obtidas variam entre 430 +- 90 anos d.C e 1695 +- 100 anos d.C.

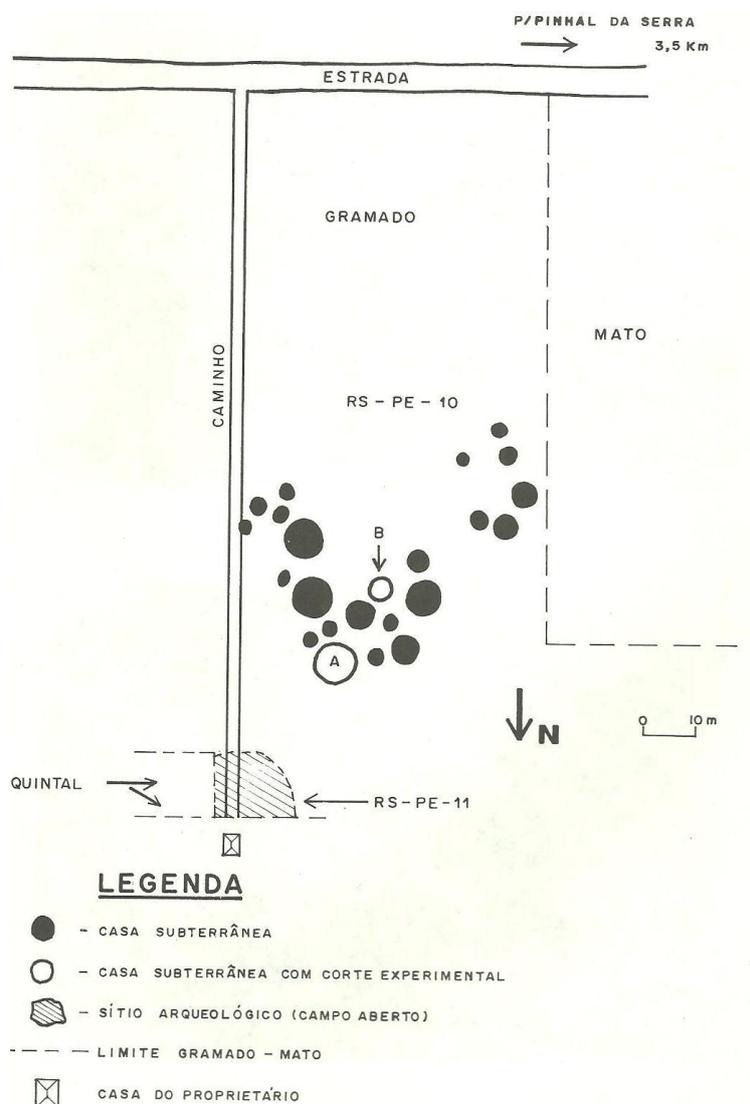


Figura 45. Ilustração de distribuição das casas subterrâneas da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.26, julho de 1999 a dezembro de 2000.



Figura 46. Ilustração de distribuição das casas subterrâneas da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.24, julho de 1999 a dezembro de 2000.

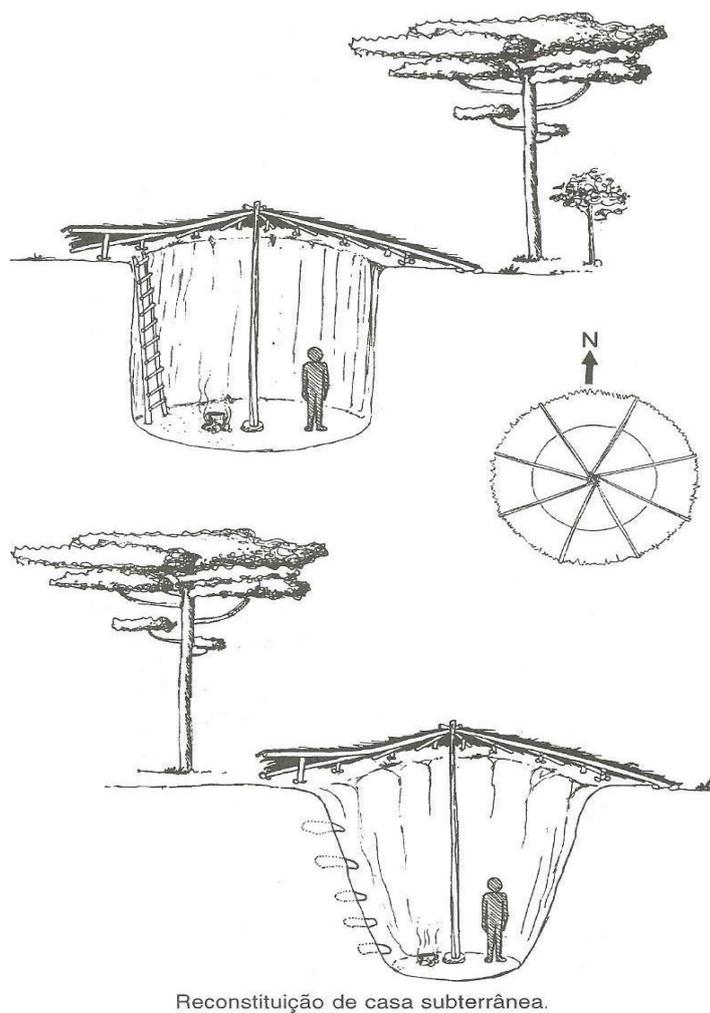


Figura 47. Ilustração de paredes das casas subterrâneas da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.27, julho de 1999 a dezembro de 2000.

### 2.7.5.3. Montículos ou Aterros

Na mesma região, ou muitas vezes nas proximidades das casas subterrâneas, são encontrados aterros ou montículos de terra ou terra com pedras. Lembram os túmulos atuais, mas as escavações ainda não comprovaram a presença de vestígios ósseos humanos. Sua forma é circular. A maioria gira em torno de 5,0 m de diâmetro por 0,70 m de altura (Figura 48).



Figura 48. Ilustração de montículo presente em sítio da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.33, julho de 1999 a dezembro de 2000.

### 2.7.5.4. Estruturas Circulares ou Complexas

Embora não sejam muito frequentes, em toda área da dispersão da Tradição Taquara ocorrem as estruturas circulares (Figura 49) ou complexas (Figura 50). As estruturas classificadas como circulares estão em número de uma, enquanto as classificadas como estruturas complexas formam um conjunto de duas ou mais estruturas, podendo ser circulares ou trapezoidais.

Normalmente estão nas proximidades de casas subterrâneas ou sítio de campo aberto. No Rio Grande do Sul ocorrem em sítios das fases Guatambu e Guabiju.

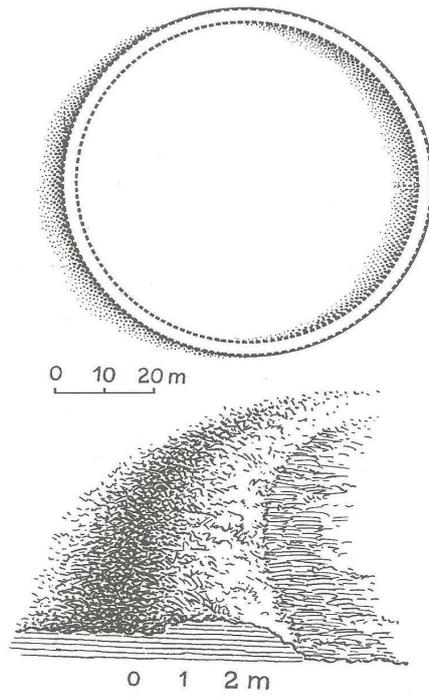


Figura 13. Estruturas no planalto (RS):  
a) Circular.

Figura 49. Ilustração de estrutura circular presente em sítio da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.35, julho de 1999 a dezembro de 2000.

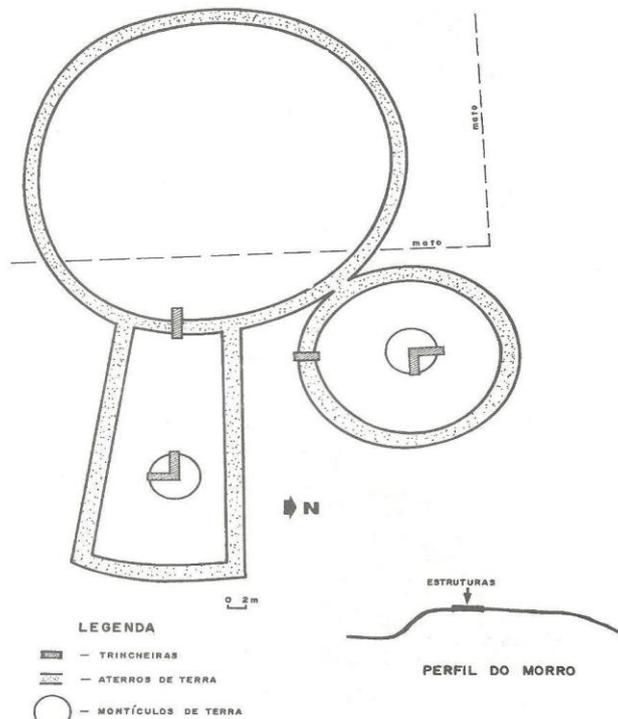


Figura 13. Estruturas no planalto (RS):  
b) Complexa.

Figura 50. Ilustração de estrutura complexa presente em sítio da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.36, julho de 1999 a dezembro de 2000.

#### 2.7.5.5. Galerias Subterrâneas

As chamadas galerias subterrâneas são outro fenômeno associado à Tradição Taquara, ocorrendo especialmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, nas fases que apresentam casas subterrâneas (Figura 51).

A forma é cilíndrica com diâmetro entre 1,0 m e 2,5 m. O comprimento varia entre 20 e 40m, apresentando pequenas áreas mais amplas em forma de sala ou de casulo no qual registra-se a presença de “suspiros”.

Em alguns casos foi registrada a presença de fragmentos de cerâmica e/ou lítico, sendo Mentz Ribeiro de opinião de que eram de origem natural, produto da infiltração de água pluvial ou fluvial, aproveitadas ou adaptadas pelo grupo.

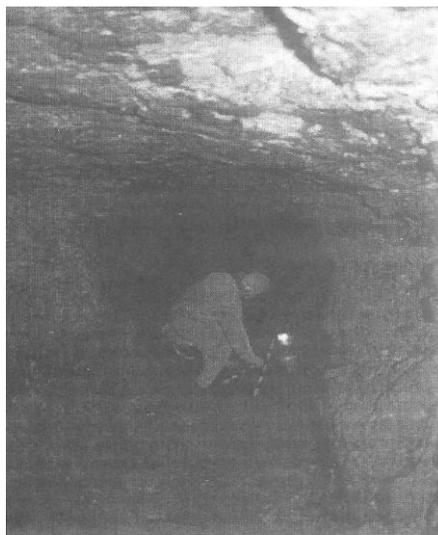


Figura 14. Galeria subterrânea no planalto catarinense

Figura 51. Ilustração de galeria subterrânea presente em área da Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.37, julho de 1999 a dezembro de 2000.

#### 2.7.5.6. Abrigos-Sob-Rocha e Cavernas

A Tradição Taquara também deixou seus registros de ocupação em cavernas e abrigos-sob-rocha nas fases Guatambu, Taquara, Caí e Guabiju (Figura 52). Os vestígios caracterizam-se por ossos humanos, cerâmica, artefatos líticos, artefatos e adornos em ossos, restos de cestarias e cordas.

A sequência na ocupação dos abrigos, na encosta sul do planalto, tem sido inicialmente pela Tradição Umbu, quando não exclusiva, seguida da Tradição Taquara, normalmente na camada superficial.



Sítios da Tradição Taquara no planalto: b) Abrigo sobre rocha.

Figura 52. Ilustração de abrigo-sob-rocha ocupado pela Tradição Taquara. Fonte: Mentz Ribeiro. Revista de Arqueologia Americana, N°17 a 19, p.36, julho de 1999 a dezembro de 2000.

### 3. A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Mentz Ribeiro é do grupo dos pioneiros da Arqueologia brasileira.

A maior parte de seus trabalhos foi realizada no Rio Grande do Sul, com uma contribuição pioneira também em Roraima.

Seu método e enfoque teórico são os trazidos pelo PRONAPA. Suas datas de C<sup>14</sup> foram feitas na Smithsonian Institution sob o patrocínio de Betty J. Meggers.

Seu objetivo foi a produção e a divulgação de Cultura. Para isso criou o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas - CEPA na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, em Santa Cruz do Sul, e, depois, o Laboratório de Ensino e Pesquisas em Arqueologia e Antropologia - LEPAN na Fundação Universidade de Rio Grande - FURG, em Rio Grande, para pesquisa, treinamento de novos profissionais e publicação científica com divulgação popular dos resultados.

O estudo da Tradição Taquara é uma parcela menor; porém, muito representativa de seus estudos. Sua compreensão da Tradição Taquara é comparável à da equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas (Schmitz, 2000).

As pesquisas de Mentz Ribeiro, em Esmeralda, Bom Jesus e São José dos Ausentes, alertaram para um novo padrão de assentamento no qual estão mais evidentes os monumentos funerários com cremações. Essas pesquisas deram origem a uma série de trabalhos, entre os quais de Copé e Saldanha, 2002a, 2002b; Saldanha, 2005; Copé, 2006; Iriarte e Behling, 2007; Iriarte, Gillam e Marozzi, 2008; Saldanha, 2008; Souza e Copé, 2010; Souza, 2012a, 2012b; Iriarte, 2013; Copé, 2015; Souza, Corteletti, Robinson e Iriarte, 2016.

Mentz Ribeiro também produziu contribuição significativa para a compreensão da tradição Tupiguarani, através de duas escavações das reduções missioneiras: uma do primeiro, outra do derradeiro momento dessas missões jesuíticas com populações Guarani. Na escavação de abrigos-sob-rocha, deixou sua marca igualmente na tradição pré-cerâmica Umbu, de caçadores-coletores. Realizou pesquisas ainda de sambaquis e arte rupestre. Mais tarde, dedicou-se à Arqueologia histórica. Era rigoroso na produção científica; leal com os colaboradores e colegas de profissão; agradável no trato. Nas instituições em que trabalhou, deixou uma importante contribuição.

#### 4. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

COPÉ, S. M.; SALDANHA, J. D. M. de M. Em busca de um sistema de assentamento para o planalto sul-riograndense: escavações do sítio RS-AN:08, Bom Jesus, RS. Pesquisas, Antropologia, v.58, p.107-120, 2002.

COPÉ, S. M.; SALDANHA, J.D.M. de M.; CABRAL, M. P. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. Pesquisas, Antropologia, v.58, p.121-138, 2002.

COPÉ, S. M. Les grands constructeurs précoloniaux Du plateau Du Sud Du Brésil: études de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil. Tese de Doutorado. Paris, Université de Paris I-Panthéon Sorbonne, 2006.

- COPÉ, S. M. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. *Estudos Avançados*, v.29, p.149-171, 2015.
- IRIARTE, J.; BEHLING, H. The expansion of Araucaria Forest in the Southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition. *Environment Archaeology*, v.12, n.2, p.115-127, 2007.
- IRIARTE, J.; GILLAM, J.C.; MAROZZI, O. Monumental burials and memorial feasting: an example from the Southern Brazilian Highlands. *Antiquity*, v.2, p.947-961, 2008.
- IRIARTE, J. ET AL. Sacred landscapes of the Southern Brazilian highlands. Understanding southern proto-Jê mound enclosure complexes. *Journal of Anthropological Archaeology*, v.32, p.74-96, 2013.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. Sítio RS-C-14 Bom Jardim Velho (Abrigo Sob Rocha). *Revista IHERINGIA, Antropologia*, n°2, Porto Alegre, 1972.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. & SILVEIRA, I. Sítios Arqueológicos da Tradição Taquara, Fase Herveiras, Vale do Rio Pardo, RS, Brasil. Santa Cruz do Sul. *Revista do CEPA* n°8, 1979.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. Casas Subterrâneas no Planalto Meridional, Município de Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Santa Cruz do Sul. *Revista do CEPA*, n°9, 1980.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. & RIBEIRO, C.T. Levantamentos Arqueológicos no Município de Esmeralda. Santa Cruz do Sul. *Revista do CEPA*, v.12 n°14, 1985.
- MENTZ RIBEIRO, P. A.; KLAMT, S. C.; BUCHAIM, J. J. S.; RIBEIRO, C. T. Levantamentos Arqueológicos na Encosta do Planalto Entre o Vale dos Rios Taquari e Caí, Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Cruz do Sul. *Revista do CEPA*, V.16, n°19, 1989.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. e outros. Escavações Arqueológicas no Município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista de Arqueologia*, V.8, n°1, 1994, p.233. Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

MENTZ RIBEIRO, P. A. A Tradição Taquara e as Casas Subterrâneas no Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia Americana*, Nº17 a 19, p.22, julho de 1999 a dezembro de 2000.

SALDANHA, J. D. de M. Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 2005.

SALDANHA, J. D. de M. Paisagem e sepultamentos nas Terras Altas do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia*, n.21, p.85-95, 2008.

SCHMITZ, P. I. Arqueologia do planalto sul-brasileiro. *Revista de Arqueologia Americana*, Nº17 a 19, p.51, Julho de 1999 a Dezembro de 2000.

SOUZA, J. G. Paisagem ritual no planalto meridional brasileiro: complexos de aterros anelares e montículos funerários Jê do Sul em Pinhal da Serra, RS. Dissertação de mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2012a.

SOUZA, J. G. Área de atividades em dois centros cerimoniais Jê do Sul: relações entre arquitetura e função. *Revista de Arqueologia*, v.25, n.2, p.120-132, 2012b.

SOUZA, J. G.; COPÉ, S. M. Novas perspectivas sobre a arquitetura ritual do planalto meridional brasileiro: pesquisas recentes em Pinhal da Serra, RS. *Revista de Arqueologia*, v.23, n.2, p.104-117, 2010.

SOUZA, J. G.; CORTELETTI, R.; ROBINSON, M.; IRIARTE, J. The Genesis of monuments: resisting outsiders in the contested landscapes of Southern Brazil. *Journal of Anthropological Archaeology*, v.41, p.196-212, 2016.